

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Instituto de Ciências Sociais e da Comunicação
Curso de Letras Bacharelado em Tradução em L. Portuguesa e L. Inglesa
Campus Vergueiro

Bianca Santana Almeida
Laleska Rocha de Oliveira Costa

REALISMO FANTÁSTICO: UMA REPRESENTAÇÃO DO BRASIL
PROFUNDO EM “A CABEÇA DO SANTO”

São Paulo
2025

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
Instituto de Ciências Sociais e da Comunicação
Curso de Letras Bacharelado em Tradução em L. Portuguesa e L. Inglesa
Campus Vergueiro

Bianca Santana Almeida (N8091B3)
Laleska Rocha de Oliveira Costa (G08CAE9)

REALISMO FANTÁSTICO: UMA REPRESENTAÇÃO DO BRASIL PROFUNDO
EM “A CABEÇA DO SANTO”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Banca Examinadora para obtenção do título
de Bacharel em Letras Tradução em Língua
Portuguesa e Língua Inglesa do curso de
graduação pela Universidade Paulista - UNIP,
sob orientação da Prof.^a M.^a Sueli de Britto
Salles.

São Paulo
2025

CIP - Catalogação na Publicação

Bianca Almeida, Laleska Costa

Realismo Fantástico: Uma Representação do Brasil Profundo em "A Cabeça do Santo" / Laleska Costa Bianca Almeida. - 2025.

0073 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto de Ciência Sociais e Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de Concentração: Literatura.

Orientadora: Prof.^a Sueli de Britto Salles.

1. Realismo Fantástico. 2. Literatura Brasileira Contemporânea. 3. Brasil Profundo. 4. A Cabeça do Santo. 5. Socorro Acioli . I. Salles, Sueli de Britto (orientadora). II. Título.

Bianca Santana Almeida
Laleska Rocha de Oliveira Costa

**REALISMO FANTÁSTICO: UMA REPRESENTAÇÃO DO BRASIL
PROFUNDO EM “A CABEÇA DO SANTO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Banca Examinadora para obtenção do título
de Bacharel em Letras Tradução em Língua
Portuguesa e Língua Inglesa do curso de
graduação pela Universidade Paulista sob
orientação da Prof.^a M.^a Sueli de Britto Salles.

São Paulo, 03 de dezembro de 2025

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Glauber Ormundo Dias Martins

Prof.^a M.^a Simone Camacho Gonzalez

Prof.^a M.^a Sueli de Britto Salles (orientadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expressamos a mais profunda gratidão à nossa orientadora e professora, Sueli de Britto Salles, pela troca e direcionamento durante os meses de execução deste trabalho, e não somente, mas também pela sua dedicação em sala de aula ao compartilhar conosco seu conhecimento e amor pela literatura, que nos serviu de grande inspiração para a escolha do tema e área de pesquisa.

Ao corpo docente da UNIP que, ao longo de toda a nossa graduação, contribuiu de maneira inestimável para que pudéssemos evoluir não apenas como estudantes e pesquisadoras, mas também como pessoas, fortalecendo nossa futura caminhada acadêmica e profissional. Muito obrigada!

Gostaríamos, ainda, de registrar a parceria, a fluidez, a dedicação e o comprometimento de nós, alunas envolvidas na execução deste trabalho, e que por todos os fatores mencionados anteriormente, a experiência e a troca que tivemos foi enriquecedora durante todo o processo.

RESUMO

A literatura possibilita a representação de diversas realidades. Através de uma narrativa, é possível apresentar ao leitor aspectos culturais de um povo ou região, suas tradições e peculiaridades, muitas vezes partindo do real. Este é o caso da obra “A Cabeça do Santo”, de Socorro Acioli. Para fazer uma obra ficcional que representasse o povo de um Brasil Profundo, a autora se aproveita de um fato real curioso: o abandono da “cabeça de um santo”, parte de um monumento religioso não concluído, numa pequena cidade no interior do Ceará. Este trabalho tem como objetivo analisar como se constrói a imagem do Brasil Profundo, a partir da fé e dos elementos do Realismo Fantástico, na obra em questão. Assim, pretendemos contribuir com os estudos da literatura brasileira contemporânea. Serão analisados com base em fundamentos teóricos os seguintes aspectos: o movimento Realismo Fantástico no mundo, na América Latina e no Brasil, o papel da fé na identidade cultural do povo brasileiro e a representação sociocultural feita pela autora através dos aspectos fantástico e religioso.

Palavras-chave: Realismo Fantástico; Literatura Brasileira Contemporânea; Brasil Profundo, A Cabeça do Santo, Socorro Acioli

ABSTRACT

Literature allows for the representation of diverse realities. Through the narrative, it is possible to present to the reader cultural aspects of people or region, their traditions and peculiarities, often based on reality. This is the case of the novel “A Cabeça do Santo” (The Head of the Saint), by Socorro Acioli. To create a fictional work representing the people of a “Deep Brazil” the author takes advantage of a curious real event: the abandonment of a “saint’s head”, part of an unfinished religious monument in a small town in the state of Ceará. This study aims to analyze how the image of a “Deep Brazil” is constructed in her narrative, based on faith and elements of Fantastic Realism. Thus, we intend to contribute to the studies of contemporary Brazilian literature. The following aspects will be analyzed based on theoretical foundations: the Fantastic Realism movement in the world, in Latin America and in Brazil, the role of faith in the cultural identity of the Brazilian people, and the sociocultural representation made by the author through fantastic and religious aspects.

KEYWORDS: Fantastic Realism; Contemporary Brazilian Literature; Deep Brazil, The Head of the Saint, Socorro Acioli

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 REALISMO FANTÁSTICO, UM PANORAMA.....	11
1.1 O Conceito de Realismo Fantástico.....	11
1.2 O Surgimento do Realismo Fantástico.....	14
1.3 O Realismo Fantástico na América Latina.....	20
1.4 O Realismo Fantástico no Brasil.....	26
2 O SAGRADO E A IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO.....	32
2.1 Religião e a sociedade brasileira.....	32
2.2 Catolicismo no Brasil.....	34
2.3 Catolicismo no nordeste.....	37
2.4 Santo Antônio e a cultura brasileira.....	43
3 “A CABEÇA DO SANTO” E O BRASIL PROFUNDO SOB A PERSPECTIVA DO REALISMO FANTÁSTICO.....	49
3.1 Socorro Acioli e “A Cabeça do Santo”.....	49
3.1.1 O Enredo.....	50
3.2 O aspecto religioso em “A Cabeça do Santo”.....	51
3.3 O fantástico em “A Cabeça do Santo”.....	55
3.4 “A Cabeça do Santo” e a representação de um Brasil Profundo.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

INTRODUÇÃO

A literatura desempenha um papel de extrema importância na sociedade. Há séculos narrativas vêm sendo criadas para representar povos, costumes, tradições e crenças, e por isso, a literatura pode ser vista não somente como um meio de expressão, mas também como uma forma de compreensão e discussão sobre relações sociais de diferentes povos ou de uma época.

A pesquisa em questão está situada na área de literatura e tem como tema o gênero Realismo Fantástico na literatura brasileira contemporânea, representado neste trabalho pela obra “A Cabeça do Santo”. A partir do romance buscamos analisar como a imagem do Brasil Profundo é construída por meio de aspectos religiosos e elementos fantásticos.

O gênero Realismo Fantástico é comumente relacionado à literatura latino-americana e ganhou destaque no século XX com autores como Gabriel García Márquez, em “Cem Anos de Solidão”, Jorge Luis Borges, em “O Aleph”, e Isabel Allende, em “A Casa dos Espíritos”.

O Brasil, apesar de não ser um nome de grande influência dentro do movimento na América Latina, tem sua representação com autores como Machado de Assis, em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, Mário de Andrade, em “Macunaíma”, Murilo Rubião, em “O Ex-mágico”, e Érico Veríssimo, em “Incidente em Antares”, de modo que, com este trabalho, nós estudantes do curso de Letras, propomos valorizar a literatura brasileira contemporânea.

Este trabalho visa a apresentação do gênero Realismo Fantástico: conceito, surgimento, características e nomes proeminentes, assim como uma análise do romance “A Cabeça do Santo”, para a identificação de elementos fantásticos e religiosos e como eles são utilizados pela autora na representação do Brasil Profundo.

Para teóricos como Tzvetan Todorov e Irleamar Chiampi, elementos mágicos ou fantásticos são equivalentes quando se referem à narrativa. Para uma melhor uniformidade deste trabalho, optamos pela utilização do termo “fantástico” para discorrer sobre esses elementos.

A pesquisa se justifica, visto que através da obra de Socorro Acioli é possível analisar e compreender fenômenos sociais que levam a um melhor entendimento do que se conhece como “Brasil Profundo”. Este trabalho apresenta, também, a

perspectiva de que a literatura pode ser usada como ferramenta de denúncia ao construir uma crítica social para representar um recorte de uma realidade vulnerável de nosso país.

Assim, esta pesquisa levanta o seguinte problema: de que forma o Realismo Fantástico é utilizado para representar o Brasil Profundo nas dimensões culturais, sociais e religiosas na obra “A Cabeça do Santo”?

Desse modo, tem-se por objetivo geral contribuir com estudos sobre literatura nacional contemporânea, e por objetivos específicos os seguintes itens:

- 1) Apresentar o conceito de Realismo Fantástico, seu surgimento, sua relevância na literatura latino-americana e sua chegada ao Brasil;
- 2) Analisar o papel do místico e do sagrado na identidade cultural do povo brasileiro;
- 3) Relacionar os aspectos fantásticos e religiosos às realidades socioculturais brasileiras retratadas no livro “A Cabeça do Santo”.

Esta pesquisa foi desenvolvida com base na contribuição teórica dos seguintes autores: Chiampi (1983), Todorov (1980), Matangrano e Tavares (2020), Zamora e Faris (1995) em seus estudos sobre o gênero Realismo Fantástico no mundo e na América Latina; DaMatta (1986) em seu texto sobre sociedade brasileira, Medeiros (2016) e Vieira (2016) em seus trabalhos sobre o catolicismo e a História da Igreja no Brasil, Veiga (2021) em seu trabalho sobre Santo Antônio, Hoefle (1995) com seu trabalho sobre catolicismo no sertão, e Santos (2023) em sua pesquisa sobre o sertão brasileiro.

As análises seguiram a linha de pesquisa qualitativa, e foram realizadas por meio de material textual. As informações obtidas estão apresentadas em forma de capítulos, conforme os objetivos específicos.

Este trabalho está organizado em três capítulos:

- Capítulo 1 - Realismo Fantástico, um panorama;
- Capítulo 2 - O sagrado e a identidade do povo brasileiro;
- Capítulo 3 - “A Cabeça do Santo” e o Brasil Profundo sob a perspectiva do Realismo Fantástico.

1 REALISMO FANTÁSTICO, UM PANORAMA

Este capítulo tem como objetivo apresentar um panorama geral sobre o movimento Realismo Fantástico na literatura a partir de dois enfoques: o conceitual (conceito, surgimento, características, importância) e o de representatividade, mostrando o início desse movimento literário no mundo e na América Latina (autores proeminentes, obras de destaque), e sua chegada ao Brasil, com apresentação de trechos das obras de autores que fizeram parte do movimento.

1.1 O Conceito de Realismo Fantástico

Elementos fantásticos são usados em narrativas há séculos. Um exemplo disso são os contos de fadas criados pelos irmãos Grimm, como é o caso de “Cinderela” e “Bela Adormecida” que, respectivamente, apresentam eventos fantásticos como: uma abóbora que se transforma em carruagem e uma mulher que é liberta de uma maldição que a faz dormir por cem anos por meio de um beijo de seu amor verdadeiro. Contudo, uma narrativa que apresenta características fantásticas não pertence necessariamente ao gênero do Realismo Fantástico, como será explicado a seguir.

A definição de “fantástico” apresentada por Todorov (1980, p. 16), é “a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.”

O autor (*ibid.*) explica, ainda, que ao vivenciar o fantástico por meio de um acontecimento estranho, o leitor, mesmo passando por um momento de vacilação, não associará o elemento fantástico a uma alegoria ou a um estilo poético de narrar.

Há relatos que contêm elementos sobrenaturais sem que o leitor chegue a interrogar-se nunca sobre sua natureza, porque bem sabe que não deve tomá-los ao pé da letra. Se os animais falarem, não temos nenhuma dúvida: sabemos que as palavras do texto devem ser tomadas em outro sentido, que denominamos alegórico (Todorov, 1980, p. 19).

Portanto, ao entrar em contato com uma obra pertencente ao movimento Realismo Fantástico, o leitor pode passar por um breve momento de questionamento, pois estará em contato com algo que se encontra fora do plano da realidade. No entanto, ao transcorrer da narrativa, o que lhe era estranho passa por

um estado de normalização e torna-se intrínseco para o desdobramento dos acontecimentos, fazendo com que haja a suspensão de descrença por parte do leitor.

De acordo com Todorov (*ibid.*), para a construção de uma obra que se define como mágica ou fantástica são necessárias três condições:

- 1) O texto deve persuadir o leitor a crer que o mundo que lhe é apresentado é um mundo de pessoas reais, o que, no entanto, não impede que o leitor apresente dúvida sobre os acontecimentos narrados caso eles apresentem uma explicação natural ou sobrenatural;
- 2) A dúvida do leitor quanto aos eventos fantásticos pode estender-se ao personagem de modo que ele se vê representado na obra através dessa incredulidade, podendo, assim, converter-se em tema da obra;
- 3) É indispensável que o leitor adote uma postura com relação à interpretação do texto e exclua qualquer explicação alegórica ou escolha de estilo poético para justificar o elemento fantástico contido na narrativa.

As condições mencionadas acima devem apresentar-se no texto de três formas:

- a) A primeira forma refere-se ao elemento verbal do texto, ou como o autor coloca, “as visões” e sua construção, considerando a ambiguidade que o fantástico pode carregar consigo;
- b) A segunda forma é considerada como mais complexa por Todorov, e está representada no texto através do campo sintático, a qual leva a uma apreciação do personagem em relação aos eventos narrados. Ela pode ser denominada como “reações”, opondo-se, portanto, as “ações” que fazem parte do desenvolvimento da obra. Por outro lado, também fazem parte do campo semântico, de modo que se trata de um tema, sua representação e como ele é percebido pelo leitor;
- c) A última forma refere-se a uma qualidade mais genérica, visto que alude a variadas formas e níveis de leitura, a depender do leitor e de sua bagagem cultural.

Considerando tais condições, pode-se compreender que, para o elemento fantástico dar-se por completo, é necessário não somente a construção da narrativa com as características dos planos verbal, sintático e semântico, pensadas pelo autor

da obra, mas também a participação do leitor e de que forma essa construção narrativa será recebida e interpretada por ele.

Vimos que o fantástico não dura mais que o tempo de uma vacilação: vacilação comum ao leitor e ao personagem, que devem decidir se o que percebem provém ou não da “realidade”, tal como existe para a opinião corrente. Ao finalizar a história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma entretanto uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico (Todorov, 1980, p. 24).

O fantástico tem, pois, uma vida cheia de perigos e pode desvanecer-se em qualquer momento. Mais que ser um gênero autônomo, parece situar-se no limite de dois gêneros: o maravilhoso e o estranho (*ibid.*).

Existem, portanto, outros gêneros que se assemelham em características ao fantástico, usando de elementos que estão fora do plano da realidade, podendo, por vezes, serem confundidos com uma obra de Realismo Fantástico, mas que, após cuidadosa análise de sua composição, efetivamente conclui-se que são obras com componentes similares, mas pertencentes a categorias distintas.

Todorov (1980, p. 26) afirma que as obras pertencentes ao gênero estranho revelam acontecimentos extraordinários, fantásticos, alarmantes, únicos, que podem ter uma resposta do leitor similar aos que os textos fantásticos teriam, contudo, esses acontecimentos podem ser devidamente esclarecidos por leis que regem a realidade.

[...] o estranho não cumpre mais que uma das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular, a do medo. Relaciona-se unicamente com os sentimentos das pessoas e não com um acontecimento material que desafia a razão (Todorov, 1980, p. 27).

O maravilhoso, por sua vez, apresenta aspectos sobrenaturais, todavia, não geram nenhuma reação nos personagens ou no leitor. A expressão do maravilhoso não depende de uma ação em resposta aos acontecimentos, sua relevância está na essência deles (Todorov, 1980, p. 30).

Costuma-se a relacionar o gênero do maravilhoso com o do conto de fadas; em realidade, o conto de fadas não é mais que uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais não provocam nele surpresa alguma: nem o sono que dura cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (para não citar mais que alguns elementos dos

contos de Perrault). O que distingue o conto de fadas é uma certa escritura, não o status do sobrenatural (Todorov, 1980, p. 30).

Há, ainda, autores que utilizam o termo “maravilhoso”, porém ele carrega diferentes características. É o caso da autora Irlemar Chiampi em seu livro “El Realismo Maravilloso - Forma y ideología en la novela hispanoamericana” (O Realismo Maravilhoso - Forma e ideologia no romance hispano-americano).

Segundo Chiampi (1983, p. 63), o Realismo Fantástico e o Realismo Maravilhoso têm muitas semelhanças, como a problematização da racionalidade, a crítica de maneira velada ao romance tradicional e o bom uso da sintaxe para garantir a credibilidade por parte do leitor. Existem, também, aspectos em comum utilizados pela tradição narrativa e cultural: espíritos, demônios, metamorfoses, desalinho da causalidade, do espaço e tempo.

Contudo, essas coincidências genéricas, temáticas, retóricas e histórico-literárias não impedem a determinação dos limites em que essas intersecções atuam e a consequente diferença em seus estatutos narrativos. O ponto-chave para a definição do fantástico é dado pelo princípio psicológico que garante a percepção do estético: a fantasticidade é, fundamentalmente, uma maneira de produzir no leitor um mal estar físico (medo e outras variantes), por meio de uma inquietação intelectual (dúvida). A simplicidade dessa fórmula não pretende esconder as dificuldades de definir um gênero transcultural e trans-histórico, fazendo da psicologia do leitor (extratextual, subjetiva) sua condição estruturante¹ (Chiampi, 1983, p. 63; Tradução nossa).

Desse modo, pode-se constatar que os elementos conhecidos como fantásticos podem ser compartilhados por diferentes gêneros na literatura, porém a forma como esses elementos são apresentados e desenvolvidos na construção da narrativa determinarão se uma obra corresponde ou não ao Realismo Fantástico.

1.2 O Surgimento do Realismo Fantástico

¹ “Sin embargo, esas coincidencias genéricas, temáticas, retóricas y histórico-literarias, no impiden la determinación de los límites en que dichas intersecciones actúan y la consiguiente diferencia de sus estatutos narrativos. El punto clave para la definición de lo fantástico es suministrado por el principio psicológico que le garantiza la percepción de lo estético: la fantasticidad es, fundamentalmente, un modo de producir en el lector una inquietud física (miedo y otras variantes), a través de una inquietud intelectual (duda). La simplicidad de esa fórmula no pretende escamotear las dificultades de definición de un género transcultural y transhistórico, haciendo de la psicología del lector (extratextual, subjetiva) su condición estructurante.”

Assim como a origem do termo “Realismo Fantástico” (e as demais variantes) e a definição de suas características principais, a história do surgimento do movimento e seus precursores é indefinida e muito discutida entre estudiosos.

Conforme os acadêmicos e pesquisadores brasileiros Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares em seu livro “Fantástico Brasileiro - O Insólito Literário do Romantismo ao Fantasismo”, de 2020, há opiniões divergentes quanto aos expoentes do movimento. Alguns críticos e historiadores apontam o romance do inglês Horace Walpole, “O Castelo de Otranto”, publicado no ano de 1764 e considerado um dos pioneiros da literatura gótica, como a primeira referência do fantástico como conhecemos.

O livro narra a história de Manfred, príncipe de Otranto, que espera o casamento de seu filho convalescente. No entanto, antes da boda concretizar-se, o filho morre. O príncipe, preocupado em não deixar nenhum herdeiro para assumir o trono, propõe a Isabella, noiva e viúva de seu filho, que se casem, mas ela não aceita e foge. O príncipe não desiste e tenta persuadir Isabella de todas as formas, enquanto acontecimentos sobrenaturais, como aparições de fantasmas de seus antepassados, atrapalham suas investidas.

Naquele instante, o retrato de seu avô, que estava pendurado sobre o banco onde eles estavam sentados, soltou um suspiro profundo e ergueu o peito² (Walpole, 2014, p. 11; Tradução nossa).

Para outros estudiosos, o precursor é o romance “O Diabo Apaixonado” (1772), do francês Jacques Cazotte que narra a história de Álvaro, um jovem que se relaciona com uma criatura de aparência feminina, mas que, na realidade, é o diabo que se apossou da forma de uma mulher e apaixonou-se por ele, aproveitando-se de sua aparência para seduzi-lo.

“Você gostaria, meu querido, de ser a criatura mais privilegiada e, junto comigo, submeter os homens, os elementos e toda a natureza ao seu poder?”

“Oh, minha querida Biondetta”, eu disse, embora fazendo algum esforço para me controlar, “só você é o bastante. Você realiza todos os desejos do meu coração...”

“Não, não”, ela retorquiu bruscamente, “Biondetta não deve bastar. Esse não é o meu nome: foi você quem o deu a mim, e eu o suportei com prazer.

² At that instant the portrait of his grandfather, which hung over the bench where they had been sitting, uttered a deep sigh, and heaved its breast.

Mas você deve saber quem eu sou... Eu sou o Diabo, meu caro Álvaro, o Diabo...”³ (Cazotte, 1991, p. 70; Tradução nossa).

Este feito é atribuído também ao autor alemão E.T.A. Hoffman, no século XIX, que escreveu majoritariamente contos, nos quais enaltece o sobrenatural, criando em suas narrativas uma atmosfera de mistério.

O mais conhecido é “Sandman”, de 1816, que conta a história de Natanael, um jovem estudante que, após um encontro com um vendedor ambulante, desencadeia memórias de sua infância sobre um ser a quem sua babá chamava de “o homem de areia”. Esta criatura jogava areia nos olhos das crianças que não iam para cama, fazendo, assim, com que eles caíssem, e então os levava para alimentar seus filhos na lua. Após esse encontro, Natanael é atormentado por visões, e acaba sendo internado por levantar dúvidas sobre sua sanidade. O conto tem um final trágico com o suicídio de Natanael.

A imagem de Olímpia pairou no ar em seu caminho e saiu dos arbustos, espiando-o com olhos grandes e luzentes da superfície brilhante do riacho⁴ (Hoffman, 1967, p. 204; Tradução nossa).

Matangrano e Tavares (2020, p. 17) observam, no entanto, que a veracidade dessas teorias só pode ser confirmada a depender da definição do que é ou não “Realismo Fantástico”.

Se for levada em consideração a definição de Todorov sobre o “fantástico” como “determinado tipo de história que trata do sobrenatural, cujo foco é a hesitação comum ao leitor e à personagem entre o real e o imaginário, e cuja duração é apenas o tempo da hesitação” (Matangrano e Tavares, 2020, p. 17 *apud* Todorov, 2008, p. 37), Walpole, Cazotte e Hoffman poderiam ser, de fato, considerados os pioneiros do Realismo Fantástico.

³ Do you, dear heart, wish to be the most privileged creature and, together with me, to submit men, the elements and all nature to your power?”

“Oh my dear Biondetta,” I said, though making some effort to control myself, “you alone suffice: you fulfill all my heart’s desires...”

“No, no,” she retorted sharply, “Biondetta must not suffice. That is not my name: you gave it to me, and I bore it with pleasure. But you must know who I am ... I am the Devil, my dear Alvaro, the Devil....”

⁴ Olimpia’s image hovered about his path in the air and stepped forth out of the bushes, and peeped up at him with large and lustrous eyes from the bright surface of the brook.

Por outro lado, “se a dúvida entre o real e o sobrenatural persiste até o final e a narrativa termina em explicação lógica (sonho, loucura, truque), o texto não seria fantástico e sim da categoria que ele [Todorov] chama de ‘estranho’” (Matangrano e Tavares, 2020, p. 17 *apud* Todorov, 2008, p. 37). Neste caso, o contista escocês Sir Arthur Conan Doyle e o americano Edgar Allan Poe podem ser apontados.

Os autores afirmam (2020, p. 18), ainda, que considerando o que é “fantástico”, de acordo com o senso comum, as obras de Homero, Hesíodo, Veda Vyasa e, até mesmo a Bíblia, poderiam ser consideradas parte desse movimento, visto que carregam narrativas que fogem da lógica humana.

A partir dessas reflexões, os autores concluem que muito do que atualmente julga-se como fantástico, foi, anteriormente, visto como verdade no campo da religião e da superstição e, eventualmente, com a evolução da ciência e tecnologia, parte dessas crenças são postas de lado, tornando-se mitos, lendas e ficção popular e, assim, inspirações para a arte em geral (*ibid.*).

Além disso, através dos exemplos literários dados, nota-se que o fantástico em seu primórdio tinha características do que hoje conhecemos como horror, uma narrativa construída sob uma atmosfera misteriosa, com aparições, fantasmas, demônios e outras criaturas para além da realidade, a morte, a loucura e a transgressão, marcas muito presentes, também, na literatura gótica.

Uma perspectiva mais profunda acerca do surgimento do Realismo Fantástico é apresentada pelas professoras de literatura comparativa, Lois Parkinson Zamora e Wendy B. Faris, no livro “Magical Realism - Theory, History, Community” (Realismo Mágico - Teoria, História, Comunidade), de 1995, uma coletânea de diversos ensaios de pesquisadores e estudiosos deste movimento, abordando aspectos históricos, culturais e sociais.

Um destes textos é escrito pela alemã Irene Guenther, doutora em História Americana e Europeia na Universidade de Houston, chamado “Magical Realism, New Objectivity, and the Arts during the Weimar Republic” (Realismo Mágico, Nova Objetividade e as Artes durante a República de Weimar), onde traça uma linha cronológica do uso do termo “Realismo Mágico”.

Guenther escreve que, nos anos 1920, o Expressionismo europeu já não satisfazia críticos e artistas, e foi nesta época que uma nova tendência artística estava surgindo, no entanto, não possuía um nome definido, nem um grupo expressivo de adeptos, e por isso não era considerado um movimento. As únicas

características marcantes eram a repulsa pela estética expressionista e um novo jeito de ver e retratar o cotidiano.

Em pouco tempo, foi batizado com dois nomes e, posteriormente, um deles tornaria-se muito importante: “Magischer Realismus” (Realismo Mágico), dado pelo historiador de arte alemão Franz Roh, e “Neue Sachlichkeit” (Nova Objetividade), criado pelo diretor de museu alemão Gustav Hartlaub, que escolheu utilizar esta nomenclatura levando em consideração “duas características distintas: um traço neoclássico de direita, às vezes idílico, e um traço verista de esquerda, político⁵” (Guenther, 1995, p. 33; Tradução nossa).

Roh, por sua vez, criou sua definição com base em características mais estéticas e estilísticas de algumas pinturas criadas na época, que apresentavam “um renovado deleite por objetos reais, ao mesmo tempo em que integra as inovações formais e o impulso espiritual do expressionismo, que havia demonstrado uma preferência exagerada por objetos fantásticos, extraterrestres e remotos⁶” (Zamora e Faris, 1995, p. 13; Tradução nossa).

Guenther afirma (1995, p. 34) que a partir destas perspectivas, alguns historiadores passaram a usar estes termos como opostos, enquanto outros os tratavam como sinônimos, e outros ainda os ignoravam completamente, tendo em vista a ambiguidade de suas definições.

É apenas em 1925 que o “Magischer Realismus” de Franz Roh passa a ser mais utilizado no contexto artístico, após publicar “Pós-Expressionismo, Realismo Mágico: Problemas da Mais Nova Pintura Europeia”.

Neste livro, o autor não define exatamente o que considera “Realismo Mágico”, mas descreve algumas características.

O termo “mágico”, em oposição à “místico”, pretende implicar que o “segredo” não deve penetrar no mundo realisticamente retratado, mas, sim, se manter oculto por trás desse mundo (preface, *n.p.*). Objetos, retratados em suas minúcias, aparecem como “sombras ou fantasmas estranhos” [...] A realidade é “reconstruída” por meio de fenômenos “espirituais”. Esse impulso por uma “reconstrução espiritual” prossegue em paralelo com a convicção do artista quanto ao caráter problemático do universo objetivo,

⁵ “[...] two distinct characteristics, a right-wing, sometimes idyllic, Neoclassicist traits and a left-wing, political, Veristic one.”

⁶ “[...] renewed delight in real objects even as it integrates the formal innovations and spiritual thrust of Expressionism. which had shown "an exaggerated preference for fantastic, extraterrestrial, remote objects.”

palpável e fenomenal [...] Às vezes, quando o empírico não é mais suficiente, ele “cede com espanto diante da magia do Ser”. “Magia”, nesse sentido, explica Roh, não sugere nem um retorno “ao espiritual” em um sentido “etnológico”, nem um “irracionalismo demoníaco” ou “vitalismo ingênuo”. Em vez disso, “magia do Ser” refere-se a “um racionalismo autêntico” que “venera” como um “milagre” a “organização racional do mundo” — “ein Magischer Rationalismus”, um racionalismo mágico⁷ (Guenther, 1995, p. 34 *apud* Roh, 1925, p. 37; Tradução nossa).

Desde então, a comunidade literária passou a utilizar este termo, a começar pelos críticos literários, que se apropriaram deste conceito pelo seu caráter flexível. (Guenther, 1995, p. 59).

Conforme a autora, o termo criado por Roh alcançou a Itália dois anos após a publicação de seu livro, num artigo publicado no “Jornal 900”, organizado pelo poeta, dramaturgo e romancista Massimo Bontempelli, que associou este novo conceito ao movimento artístico que se difundia em seu país, sendo ele, também, um dos precursores (*ibid.*)

As ideias de Roh chegaram também à Holanda e à Bélgica através dos trabalhos de Johan Daisne, que já utilizava, anteriormente, o termo “Realismo Fantástico”. No entanto, ao entrar em contato com a denominação criada por Roh em um artigo sobre Bontempelli em uma revista belga, passou a adotar o “Magisch-realisme” (Realismo Mágico), e espalhou-se, por fim, na Europa (Guenther, 1995, p. 60).

A introdução do Realismo Mágico de Roh na América Latina ocorreu por meio da publicação em espanhol de seu livro em 1927. Em pouco tempo, o termo estava sendo aplicado nos círculos literários de Buenos Aires. Guenther relata, ainda, que a Segunda Guerra Mundial teve um papel crucial para a disseminação do termo “Realismo Mágico” nas Américas (Guenther, 1995, p. 61).

Fugindo dos horrores da guerra, muitas pessoas da Alemanha, Tchecoslováquia e Áustria fugiram de seus países para refugiar-se no México, Cuba,

⁷ “The term “magic” as opposed to “mystic” is meant to imply that the “secret” should not enter into the realistically depicted world, but should hold itself back behind this world (preface, n.p.). Objects, depicted in their minutiae, appear as “strange shadows or phantoms” [...] Reality is “reconstructed” through “spiritual phenomena”. This drive for a “spiritual reconstruction” proceeds in tandem with the artist’s conviction of the problematical character of the objective, palpable, phenomenal universe [...] Sometimes, when the empirical no longer suffices, it “yields with astonishment before the magic of Being”. “Magic” in this sense, Roh explains, suggests neither a return “to the spiritual” in an “ethnological” sense, nor to a “demonic irrationalism” or “naive vitalism”. Instead, “magic of Being” refers to “an authentic rationalism” which “venerates” as a “miracle” the “world’s rational organization” — “ein Magischer Rationalismus”, a magical rationalism”.

Venezuela e Brasil. Tratava-se de artistas, escritores, críticos, e por meio da tradução e apropriação literária, o termo foi apresentado e transformado dentro destes países (*ibid.*).

Alejo Carpentier, um participante do movimento surrealista francês da década de 1930, expôs o “Lo Real Maravilloso Americano” (O Real Maravilhoso Americano) em 1949. E em 1955, Angel Flores cristianizou o “Realismo Mágico”, que Jorge Luis Borges havia chamado de “fantástico” na década de 1940 (Guenther, 1995, p. 61; Tradução nossa).

A autora (1995, p. 62) observa, por fim, que essas diferenças nas nomenclaturas podem ter acontecido devido às traduções linguísticas e culturais dos trabalhos de Roh, além dos significados indefinidos atribuídos ao seu “Realismo Mágico”, os quais ele, similarmente, aplicava às artes visuais, principalmente. Apesar dos debates promovidos por historiadores acerca da sua influência para os estudos deste movimento, Roh não pode, no entanto, ser ignorado.

Através do contexto histórico apresentado, pode-se notar como através dos anos o gênero foi se distanciando de sua formação inicial e foi moldado de acordo com o local e o seu propósito de produção.

1.3 O Realismo Fantástico na América Latina

A América Latina tem uma cultura extremamente rica e complexa, moldada através da miscigenação de povos e a mistura de tradições e crenças. Invasões, conquistas de territórios, colonialismo e, mais tarde, ditaduras. Esses foram eventos brutais que fizeram parte da construção das diferentes identidades que formam os povos latinos.

Todos esses aspectos que marcaram a história dessa parte do continente americano foram amplamente difundidos através da literatura, não somente em território Latino, mas mundo afora.

Após o descobrimento de zonas arqueológicas importantes, escritores voltaram sua atenção para o sistema filosófico religioso dos povos Pré-colombianos e sua complexidade, que se baseava em um conceito de magia das forças cósmicas, conforme Chiampi (1983, p. 51).

Em meados do século XX temos o surgimento de um movimento literário mais comumente associado a países da América do Sul, o Realismo Fantástico, também conhecido como Realismo Mágico.

Como temos observado, o Realismo Mágico contemporâneo se desenvolveu como um modo narrativo que produz ficções em diversas tradições culturais, e sua popularidade contínua garante a essas produções um público internacional crescente⁸ (Faris, 2004, p. 31; Tradução nossa).

Com inspirações do surrealismo europeu, desde o seu surgimento, o Realismo Fantástico foi um movimento que se desenvolveu de maneira híbrida ao formar-se através de aspectos culturais variados.

Ele mistura a potência dos romances regionalistas que marcaram os movimentos de independência nacional no século XIX, com características do modernismo, como narrativa por meio de fluxo de consciência, tempo não-linear, aspectos surrealistas e uma percepção cultural primitivista (Faris, 2004, p. 35).

Chiampi (1983, p. 25) afirma que o primeiro autor de que se tem notícia a relacionar o termo “Realismo Mágico” ao romance hispano-americano foi o historiador Arturo Uslar Pietri em seu livro “Letras y hombres de Venezuela”, de 1948, fazendo referência a contos produzidos na Venezuela nas décadas de 30 e 40.

O que passou a predominar no conto e a deixar sua marca duradoura foi a consideração do homem como um mistério em meio a detalhes realistas. Uma adivinhação poética ou uma negação poética da realidade. O que, na falta de uma palavra melhor, poderia ser chamado de Realismo Mágico⁹ (Pietri, 1948 *apud* Chiampi, 1983, p. 25; Tradução nossa).

Segundo Faris (2004, p. 33), o Realismo Fantástico surgiu na América Latina durante a primeira fase do primitivismo romântico, coincidindo com o período pós-colonial. O movimento aludia a um passado natural, indígena e que poderia ser

⁸ “As we have been observing, contemporary magical realism has developed as a narrative mode that produces fictions in diverse cultural traditions, its continuing popularity ensuring those productions a growing international audience.”

⁹ “Lo que vino a predominar en el cuento y a marcar su huella de una manera perdurable fue la consideración del hombre como misterio en medio de los datos realistas. Una adivinación poética o una negación poética de la realidad. Lo que a falta de otra palabra podría llamarse un Realismo Mágico.”

bem aproveitado, no entanto, ainda não tinha sido desenvolvido um estilo particular para que essa representação fosse concretizada.

O movimento desenvolveu-se nas décadas de 1930 e 1940 como forma de contestar uma vanguarda indigenista vigente. O mesmo se deu através de inspirações europeias e latino-americanas e de produções com traços realistas e psicológicos, buscando evidenciar a Terra e a cultura Latino-americana.

Um dos nomes proeminentes da década de 1940 foi o autor guatemalteco, Miguel Ángel Asturias, vencedor do prêmio Nobel em 1967. Uma de suas obras pertencentes ao Realismo Fantástico é o livro “Homens de Milho”, no qual o autor faz uma denúncia sobre a tomada e a devastação de terras indígenas para o cultivo de milho, visando somente o lucro. O romancista também busca valorizar aspectos da cultura e tradições indígenas através do elemento fantástico.

E mais do que Seyan, menina, mas também fui às montanhas e vi o falecido Machojón entre as chamas, entre os fumos do talho. Adeus, ele nos disse com o chapéu na mão e esporeou o homem. Todo ouro. E isso foi varrido. O fogo o seguia como um vira-lata peludo, fazendo festas com a cauda da fumaça (Asturias, 2022, p. 29).

Outro nome importante dos anos de 1940 foi o argentino Jorge Luis Borges. O autor dedicou-se à escrita de poesia, ensaios, romance e contos, e é conhecido por sua erudição e subjetividade ao construir narrativas. Em várias de suas obras manifesta-se o insólito e o fantástico, gênero do qual ele é considerado um dos fundadores na América Latina.

Faris (2004, p. 90) declara que uma das técnicas mais notáveis utilizadas no Realismo Fantástico para interligar o extraordinário ao ordinário é a riqueza de detalhes para narrar um acontecimento impossível. Borges utiliza dessa descrição em “O Aleph”, publicado em 1949, numa abundância de minúcias que fazem parte da construção de um evento fictício. A obra contempla temas como o tempo e a memória por meio de elementos fantásticos que induzem o leitor a questionar sua percepção sobre a realidade.

No conto que dá nome ao livro, um narrador descobre um ponto em um porão de uma casa decadente em Buenos Aires no qual é possível acessar todo o universo.

– Está no porão da sala de jantar – explicou, com a dicção aligeirada pela angústia. – É meu, é meu; eu o descobri na infância, antes da idade escolar. A escada do porão é empinada, meus tios me haviam proibido de descer, mas alguém me disse que havia um mundo no porão. Referia-se, soube depois, a um baú, mas eu compreendi que havia um mundo. Desci secretamente, rolei pela escada proibida, caí. Ao abrir os olhos, vi o Aleph (Borges, 1999, p. 91).

Conforme Faris (2004, p. 35), por meio desse rompante inicial, o Realismo Fantástico, que se desenvolveu na América Latina nas décadas seguintes de 1950 e 1960 através da escrita de Rulfo, García Márquez, Fuentes e Cortázar, associou o cosmopolitismo de Borges a uma visão típica americana de Astúrias e Carpentier que, por intermédio do mito, tornaram possível uma reconciliação com o universal e o originário e obtiveram uma nova legitimação da essência e da cultura latino-americana.

Outro nome de destaque dessa época, considerada o apogeu do fantástico, é o colombiano Gabriel García Márquez, provavelmente o autor mais conhecido mundialmente quando se fala sobre Realismo Fantástico latino-americano. Ele é um nome de grande importância não somente para a literatura fantástica, como também para a literatura latina. Além de escritor, era também jornalista. Foi autor de romances, contos, crônicas e relatos infantis. Entre suas obras estão, “O Amor nos Tempos do Cólera” (1985), “Doze Contos Peregrinos” (1992), “Do Amor e outros Demônios” (1994), e seu *magnum opus*, “Cem Anos de Solidão”, publicado em 1967, considerada uma das mais importantes obras da literatura de língua espanhola.

O romance que colocou o termo Realismo Fantástico no mapa literário internacional, “Cem Anos de Solidão”, vem do pequeno país latino-americano da Colômbia¹⁰ (Faris, 2004, p. 29, Tradução nossa).

A história narra a saga da família Buendía através de sete gerações, na cidade fictícia de Macondo desde a sua fundação, seu desenvolvimento, marcada por invasões e conflitos, permeados sempre pelo fantástico e pelo absurdo.

Durante uma semana, quase sem falar, avançaram como sonâmbulos por um universo de desassossego, alumbrados apenas por uma reverberação de insetos luminosos e com os pulmões agoniados por um sufocante cheiro de sangue. Não podiam regressar, porque a trilha que abriam enquanto

¹⁰ The novel that put the term magical realism on the international literary map, One Hundred Years of Solitude, comes from the small Latin American country of Colombia.

caminhavam tornava a se fechar num instante, com uma vegetação nova que quase viam crescer diante de seus olhos. “Não importa”, dizia José Arcádio Buendía. “O essencial é não perder a direção” (Márquez, 2014, p. 19).

O elemento irredutível é algo que não pode ser explicado de acordo com as leis do universo, ou seja, de acordo com o que já se é conhecido através da crença no que é familiar (Faris, 2004, p. 7).

No trecho de “Cem Anos de Solidão” o narrador descreve um evento durante a expedição que leva à fundação da cidade de Macondo, no qual o fantástico faz parte da narrativa sem que lhe seja dada grande importância.

A autora ainda afirma que, quando o narrador apresenta o elemento irredutível com a mesma naturalidade que narra acontecimentos banais, significa que dentro da narrativa o fantástico “acontece” de fato.

Assim a peste foi mantida circunscrita ao perímetro do povoado. Tão eficaz foi a quarentena, que chegou o dia em que a situação de emergência foi considerada coisa natural, e organizou-se a vida e o trabalho retomou seu ritmo e ninguém tornou a se preocupar com o inútil costume de dormir (Márquez, 2014, p. 55).

O fantástico pode ser utilizado tanto como um meio de denúncia, como também para evidenciar um posicionamento político, e ainda apresentar uma crítica social. O elemento fantástico aproveita-se do irreal, do absurdo, para narrar o real que carrega consigo o peso da barbaridade cometida pelo homem.

Para Faris (2004, p. 140), por mais diferentes que sejam os exemplos de textos fantásticos, eles têm em comum o uso da magia para evidenciar a brutalidade histórica, cada um à sua maneira.

Da mesma forma, a capacidade da magia de destacar atrocidades históricas é sugerida de passagem em Cem Anos de Solidão, quando os “advogados decrepitos” “controlados pela empresa bananeira” são descritos como rejeitando as reivindicações dos trabalhadores “com decisões que pareciam atos de magia” (Faris, 2004, p. 140; Tradução nossa).

A autora refere-se ao evento de “Cem Anos de Solidão”, no qual Márquez narra a reivindicação dos trabalhadores de uma companhia bananeira por condições melhores de trabalho, que, por sua vez, são negadas, levando a uma greve que é seguida de um massacre desses trabalhadores.

Márquez baseou-se no massacre que ocorreu na Colômbia em 1928, no qual militares abriram fogo contra trabalhadores da *United Fruit Company*, que faziam greve para protestar por melhores condições de trabalho.

Cem Anos de Solidão descreve os danos que a presença avassaladora de interesses comerciais norte-americanos causou na América Latina. Não são propostas soluções específicas, mas, sim, o reconhecimento das feridas e a sugestão a uma inadequação de perspectivas e formas de discurso com base científica que pode iniciar o processo de cura¹¹ (Faris, 2004, p. 93; Tradução nossa).

Outro nome de grande influência para o gênero e que também usufruiu do elemento fantástico para evidenciar a barbárie histórica durante a ditadura militar é a autora chilena Isabel Allende.

Em seu romance “A Casa dos Espíritos”, ela narra a história de duas famílias através de gerações, mesclando o drama familiar com eventos sociais e históricos da história chilena.

De uma só penada, os militares mudaram a história apagando os episódios, as ideologias e as personagens que o regime desaprovava. Adequaram os mapas, porque não havia nenhuma razão para pôr o Norte em cima, tão longe da pátria benemérita, quando era possível pôr embaixo, onde ficava mais favorecido, e, de passagem, pintaram com azul da Prússia vastas margens de águas territoriais até os limites da Ásia e da África, e se apoderaram de terras longínquas nos livros de geografia, retraçando as fronteiras impunemente... (Allende, 2020, p. 396).

Através desse breve panorama sobre o movimento do Realismo Fantástico na América Latina pode-se concluir que, por meio de sua vasta e complexa cultura que remete aos povos originários e à influência de regimes políticos que fizeram parte da história de países como Argentina e Chile, as características e propósitos foram renovados com a chegada do movimento ao continente americano.

Jameson *apud* Faris (2004, p. 39), afirma que desde que os olhares voltaram-se para a literatura latino-americana, colocando-a em evidência, ela passou a ter provavelmente o papel de maior destaque na cena mundial, portanto

¹¹ One Hundred Years of Solitude describes the damage that the overwhelming presence of North American commercial interests has caused in Latin America. No specific solutions are proposed, but acknowledging the wounds and suggesting the inadequacy of scientifically based perspectives and forms of discourse may begin the healing process.

influenciando países de primeiro e terceiro mundo de maneira inevitável devido a sua difusão.

1.4 O Realismo Fantástico no Brasil

Ainda que as origens do Realismo Fantástico no mundo não tenham sido definidas precisamente, alguns estudiosos associam o fortalecimento deste conceito ao século XIX, pois, foi neste momento em que se difundiram, se popularizaram e se multiplicaram as diversas vertentes de gêneros que se tornaram, posteriormente, o que hoje conhecemos por este nome.

Foi nessa época em que, no Brasil, uma nação recém-independente, começa a se estabelecer uma noção mais definida de literatura nacional, ao mesmo tempo em que alguns escritores brasileiros, por influência do Romantismo gótico europeu do século XVIII, apresentavam em suas obras elementos fantásticos, ainda que em pequenas mostras.

Na edição de 2008 da Revista de Literatura da Universidade Estadual Paulista de Araraquara, a Itinerários, o doutor e professor de literatura Audemaro Taranto Goulart (2008, p. 19) escreve que este fenômeno literário na literatura hispano-americana, denominado “Realismo Mágico”, é resultado de circunstâncias históricas, religiosas e culturais particulares dos países tomados pelos hispânicos, onde em “dois mundos sejam perfeitamente detectáveis no Realismo Mágico: um natural, outro sobrenatural”.

Já no Brasil, a denominação deve ser “Realismo Fantástico”, pois “a contradição entre real e irreal acaba anulando-se, o que faz nascer a aproximação da motivação realista com o que é tido como irrealidade” (*ibid.*).

Um dos autores que representa essa naturalização do insólito é Álvares de Azevedo em sua antologia de contos “Noite na Taverna”, de 1855.

No conto “Solfieri”, por exemplo, o personagem principal, que dá nome à história, apaixona-se por um vulto que vê numa noite. Ele segue a sombra até ir parar em um cemitério e, ao perceber que já não estava mais ali, questiona-se o que viu era mesmo real. Um ano depois, inexplicavelmente, Solfieri a encontra dentro de um caixão numa capela, ainda com vida, e a salva. No entanto, a moça morre alguns dias depois (Matangrano e Tavares, 2020, p. 30).

Ao longo desse século, o tema do “fantástico” foi mais explorado, e os autores que se aventuravam por tal vertente literária referenciavam, em sua maioria, o folclore, mitos e lendas brasileiras, mas usavam, principalmente, o tema do sonho.

Segundo Matangrano e Tavares (2020, p. 26), escritores realistas, como Machado de Assis, afastaram-se um pouco dos padrões literários da época, criando obras mais ousadas, como o tão conhecido e reverenciado “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), que conta a vida de Brás Cubas, escrito por ele mesmo, após sua própria morte.

Os naturalistas, por outro lado, quando se voltavam para uma narrativa mais sobrenatural, dividiram-se em duas tendências. A primeira pendia para a ficção científica, visto que, na época, esta vertente começava a despontar mundialmente, enquanto a segunda buscava incorporar elementos da cultura regional (*ibid.*).

Mais adiante, o fantástico surge também nas obras dos simbolistas e decadentistas, que encontraram nesta temática uma inspiração para suas narrativas místicas e pessimistas, e dos parnasianos, que criam histórias em um estilo academicista, inserindo marcas do fantástico, como na obra “A Esfinge” (1908), de Coelho Neto, que conta a história de um rapaz vítima de um horrível acidente que separa sua cabeça do corpo e, no entanto, tem a chance de voltar à vida quando um médico decide juntar sua cabeça ao corpo de sua irmã, que também havia morrido (Matangrano e Tavares, 2020, p. 26).

Embora estas obras sejam um exemplo de como, ao longo do tempo, marcas do Realismo Fantástico foram utilizadas na literatura nacional, o “fantástico” sempre fez parte do imaginário brasileiro, desde a sua formação como nação.

Matangrano e Tavares citam como exemplo (*ibid.*) o jesuíta Padre Fernão Cardim que, entre 1583 e 1601, descreve em seu livro “Tratados da terra e gente do Brasil” relatos sobre criaturas excêntricas como sendo nativas da fauna brasileira, incitando o imaginário de seus leitores. Similarmente, muitos outros pesquisadores da época escreveram sobre coisas que, para eles, eram peculiares e, até mesmo, amedrontadoras.

Tais pesquisadores se embrenharam Brasil adentro ao longo do período colonial e imperial dão conta de mostrar isso, através do registro do folclore de origem indígena, dos mitos e religiões de matriz africana do sincretismo religioso vinda da Europa, de quem herdamos não apenas as mitologias judaico-cristãs, mas também o nascente espiritismo e o gosto pelo exotismo

orientalizante que buscava temas e questões nas religiões e mitologias asiáticas (Matangrano e Tavares, 2020, p. 26).

Outro exemplo apresentado é a obra “Zoologia Fantástica do Brasil - Séculos XVII e XVIII”, publicada primeiro em 1934 pelo autor Affonso de Escragnolle-Taunay, e retomada pelo próprio dois anos depois na obra “Monstro e monstrenhos do Brasil”, onde cataloga os animais fantásticos do período colonial brasileiro importantes para o imaginário nacional, além de capturar através destes estudos a situação social e histórica do país (Matangrano e Tavares, 2020, p. 27).

São estas as criações, entre outras, que ajudam a estabelecer não apenas uma noção de brasilidade, mas também uma base criativa para os autores que surgem posteriormente.

No século XX, surgiram nomes até hoje considerados relevantes para o Realismo Fantástico, como o goiano J. J. Veiga e o gaúcho Moacyr Scliar, mas é o jornalista e escritor mineiro Murilo Rubião que obtém o título de expoente do movimento.

Embora narrativas como “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Noite na Taverna” e “Macunaíma”, este último do autor Mário de Andrade, apresentassem elementos sobrenaturais, até então não havia uma tradição consolidada deste gênero na literatura nacional, e por isso a obra de Murilo Rubião desempenha um papel fundamental na solidificação e reconhecimento do fantástico no cenário literário brasileiro.

Sua especialidade era ficção curta e toda a sua obra concentra-se em 33 contos, os quais foram incansavelmente reescritos, reeditados e corrigidos pelo autor, uma de suas características mais conhecidas pelo público. Foram estas histórias que o consagraram como uma referência nesta vertente (Matangrano e Tavares, 2020, p. 114).

Um de seus contos, “Os Dragões”, publicado em “Os dragões e outros contos”, de 1965, presente também na coletânea “Murilo Rubião, obra completa”, de 2010, é valorizado como um dos exemplos mais marcantes do fantástico brasileiro. Ele apresenta um vilarejo que, inesperadamente, começa a ser visitado por diversos dragões. Apesar de estranha, esta situação não causa medo, e a única preocupação da população é definir o que fazer com aquelas criaturas. Por fim, os habitantes do

vilarejo juntamente com a igreja decidem que o melhor a se fazer é educá-los, e logo eles começam a ser alfabetizados.

Sobre esta história, Matangrano e Tavares observam (2020, p. 114) que “seria possível pensar que o narrador fala de humanos, e não de seres mitológicos — de novo, paira aquela inquietante aceitação da anormalidade”, ressaltando o satírico presente na narrativa, que ilustra a necessidade e o prazer humano em doutrinar um povo de acordo com suas próprias crenças e costumes.

Outro conto marcante na obra de Rubião é “Teleco, o Coelho”, publicado também em 1965, sobre um coelho que se transmuta em outros animais de acordo com seu estado de espírito. O coelho, chamado Teleco, faz amizade com o narrador, que é surpreendido por ele ao lhe pedir um cigarro, e os dois, então, passam a morar juntos. Por culpa de Teleco, o narrador é colocado em situações desconfortáveis, e a convivência acaba por levá-los ao limite e um fim trágico (Matangrano e Tavares, 2020, p. 115).

Foi neste século também que as mulheres passaram a introduzir em suas histórias marcas do sobrenatural, ainda que em menor escala, e uma das figuras importantes e constantemente mencionadas quando o assunto é Realismo Fantástico é a renomada contista e romancista Lygia Fagundes Telles.

Sobre o estilo de Telles, no livro “Pontos de vista: crítica literária” (2001), Wilson Martins, professor e crítico literário brasileiro, observa que, em muitos dos contos de Telles, a suprarrealidade é regular e aplicada, por exemplo, em pequenos objetos para dar vida ao sobrenatural, acolhendo o fantástico como uma necessidade para o seu realismo.

Como exemplo disto, Matangrano e Tavares (2020, p. 112) dão destaque ao conto “Anão de Jardim”, incluído no último livro de contos de Telles, “A noite escura e mais eu”, de 1995.

O conto é sobre Kobold, um anão de jardim consciente que decora uma casa desde a sua construção. Ele conta a forma trágica como o proprietário do lugar morreu — um conluio criado por sua própria esposa e o amante para ficar com seus bens. São eles que livram-se de Kobold, que passa, então, a questionar o que será de sua vida caso seja destruído.

Essa história é de tal forma inusitada e tão bem trabalhada que o leitor ao mesmo tempo desconcerta pelo fato de o narrador ser um objeto de

decoração inanimado e se emociona ante o fim trágico de Kobold e sua fé inabalável. Em última instância, a narrativa toca na delicada questão que aflige a maior parcela da humanidade: há vida além da morte? (Matangrano e Tavares, 2020, p. 113).

No contexto contemporâneo da literatura brasileira, o Realismo Fantástico segue presente em obras que exploram profundamente não apenas a cultura nacional, mas também a regional.

Três autores se sobressaem nesse contexto, fortalecendo cada vez mais sua presença na literatura atual.

A primeira, cuja produção trataremos posteriormente, é a cearense Socorro Acioli. O segundo é o baiano Itamar Vieira Junior, autor da “Trilogia da Terra”, que conta com os romances “Torto Arado” (2019), obra laureada com o Prêmio LeYa, em 2018, e o Prêmio Jabuti, em 2020, “Salvar o Fogo” (2023), reconhecida com o Prêmio Jabuti em 2024, e “Coração Sem Medo” (2025). Nestas obras, que se passam em seu estado natal, Vieira Junior dá destaque às injustiças sociais e agrárias, na herança das culturas afro-indígenas, e aborda a violência policial e a força das mulheres. A última é a paulistana Andréa del Fuego, vencedora do Prêmio José Saramago 2011, e finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti no mesmo ano com o romance “Os Malaquias”, publicado em 2010.

Para efeito de exemplo, vejamos com mais detalhes do que trata o livro de Andrea del Fuego.

A obra “Os Malaquias” é baseada na história familiar da autora, cujos bisavós morreram eletrocutados por um raio que caiu sobre a casa onde moravam, acontecimento que se repete na trama do livro com os pais dos irmãos Nico, Júlia e Antônio, os protagonistas que se tornam órfãos. Além disso, a narrativa é ambientada na zona rural de Minas Gerais, onde viveu a mãe de del Fuego, e seu tio-avô, que tinha nanismo, e é quem inspira o personagem Antônio, que nasce com esta mesma condição médica (Livraria da Folha, 2010).

A história segue, então, o destino das três crianças que são separadas após a morte inusitada de seus pais. Nico, o mais velho, vai trabalhar na fazenda de um homem poderoso da região, Júlia é adotada e levada para outra cidade, e o caçula, rejeitado por ter nanismo, é cuidado por freiras em um orfanato.

A partir de cada um desses personagens, del Fuego amplia a descrição de suas vivências e do meio rural através do fantástico, como nas recorrentes

manifestações de espíritos ancestrais de falecidos que se comunicam com os vivos e o desaparecimento de uma pessoa que, ao entrar em um bule de café, vai parar em uma caverna, onde se encontra um navio encalhado.

Em uma entrevista dada acerca desta obra para a Livraria da Folha, em 2010, quando questionada sobre o uso de elementos verdadeiros de sua vivência e família, e a mescla entre o real e o irreal, del Fuego explica que sua inspiração vem do “conto de fadas” que é a vida no campo.

O ambiente rural proporciona uma desaceleração, o tempo fica mais gordo, quase palpável. Chuva, raio, sol, plantas nascendo, ventania no milharal, manifestações que não dependem diretamente da ação humana (ainda que o homem possa interferir), como nas cidades em que até o farol está ensaiado por alguém. Essa “vida lá fora” é um conto de fadas possível (Livraria da Folha, 2010).

Todos estes trabalhos e autores, e muitos outros que aqui não couberam, representam uma importante inflexão na literatura nacional, através de narrativas que ignoram os limites entre a realidade e o extraordinário, ao mesmo tempo em que exploram a riqueza cultural e social do país, servindo não apenas como ferramenta estética, mas também como meio de crítica e reflexão sobre a realidade vivida.

2 O SAGRADO E A IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO

Este capítulo tem como objetivo apresentar um breve cenário sobre a religião e sua importância para o povo brasileiro, com foco no catolicismo, sua chegada ao Brasil, seus ritos, santos, sua relevância na vida das pessoas, e um recorte sobre a região nordeste do país, na qual se passa o romance “A Cabeça do Santo”.

A religião, numa abordagem de estudo literário, interessa especialmente por seu caráter de construção identitária e cultural, como um elemento que contextualiza a ação de personagens. Além disso, julgamos relevante esse breve panorama para melhor discorrer sobre a obra no Capítulo 3, tendo em vista que a religião é um aspecto importante da narrativa.

2.1 Religião e a sociedade brasileira

O Brasil é um país bastante religioso. Antes da invasão pelos portugueses, os povos originários tinham variadas crenças e rituais. Por meio da invasão foi imposto aos povos que aqui habitavam o Cristianismo. Mais tarde, em consequência da escravidão, religiões de matrizes africanas formaram parte da crença do povo brasileiro.

Através dos séculos, diferentes culturas e povos moldaram dogmas e preceitos, e por meio do sincretismo, nasceram e continuam nascendo novas vertentes religiosas.

Segundo DaMatta (1986, p. 75), a religião está presente em momentos importantes na vida de todos, desde o nascimento com batizados, momentos de comunhão como crismas e casamentos, e o encerramento do ciclo da vida, com funerais. Esses eventos são uma espécie de transição de fases da existência humana, e a religião foi a maneira encontrada pelo homem para legitimá-los, de forma que estejam sempre atrelados ao divino e não sejam pura e simplesmente invenção humana.

A religião é, ainda, uma maneira de organização, permitindo que as pessoas possam ter uma compreensão sobre assuntos de maior profundidade, como a percepção do tempo, o que é o eterno, o luto, e outros problemas sem respostas concretas que fazem parte da vida.

Sobre essas perguntas, pode-se dizer que todas são regidas pela consciência de que todos nós temos um fim. O fato de o ser humano ter o conhecimento de sua própria morte faz com que sinta a necessidade de trazer à tona esses questionamentos.

O autor explica, ainda, que a religião pode servir para explicar as diferenças sociais, como a razão pela qual no mundo há ricos e pobres, saudáveis e doentes ou ainda quando alguém passa por um evento difícil como, doença, perda, desastres, entre outros. A religião pode trazer um imenso consolo que, todavia, a ciência e a filosofia não lograriam. Visto assim, através da religião é possível alcançar respostas que não seriam dadas por outras fontes (*ibid.*).

Outro aspecto importante dentro do contexto religioso, como afirma o autor, são as súplicas, que podem ser acompanhadas de promessas, oferendas ou sacrifícios, dependendo da religião de cada indivíduo. Essas preces carregam mais força do que um pedido simples, já que elas requerem um comprometimento profundo e, por vezes, complexo, podendo envolver até mesmo dinheiro, interferindo na economia do lar do envolvido, por exemplo.

A promessa pode ser considerada um acordo que tem por obrigação uma ação de ambos os lados para alcançar o objetivo desejado. Sendo assim, quando é concedida a graça desejada ao religioso, ele, em retribuição ou agradecimento, oferece algo ao santo ou santa ao qual é devoto.

Mas por que se fala com Deus? As respostas são muito variadas. Um fator sociológico básico, porém, é que existe a necessidade de construir esse grande espelho a que chamamos religião para dar a todos e a cada um de nós um sentimento de comunhão com o universo como um todo. A religião, assim, seria um modo de permitir uma relação globalizada não só com os deuses, mas também com todos os homens e com os seres vivos que formam o nosso mundo (DaMatta, 1986, p. 74).

Portanto, nota-se que a religião está presente tanto em momentos de celebração quanto em momentos de dificuldade, além de situações do cotidiano dos brasileiros através de missas, cultos, giras, entre outras manifestações religiosas que acontecem semanalmente, para que os praticantes da religião, seja esta qual for, possam conversar com Deus, Santos ou Orixás, agradecer, pedir, celebrar ou ter um momento em comunidade com seus “irmãos de fé”.

O significado da religião na sociedade é tão relevante que ela é retratada em diferentes campos das artes há séculos, como em pinturas, esculturas, no cinema e na literatura, buscando, assim, apresentar as diversas representações, significados, crenças, costumes e tradições dos povos.

2.2 Catolicismo no Brasil

Segundo o Censo Demográfico de 2022, os católicos são maioria no Brasil. Cerca de 56,7% dos brasileiros se declaram adeptos da religião Católica Apostólica Romana.

O Catolicismo teve grande influência na esfera político-social do Brasil, desde os tempos coloniais ao período imperial, e mesmo após o país se tornar laico, o catolicismo segue tendo influência até os dias atuais. Nota-se isso através dos valores moldados pela igreja, que regem diversas esferas da nossa sociedade. O que é visto com bons olhos, como, a família, o casamento, a procriação, e também o oposto, o que para a igreja está em desacordo com a moralidade, como o aborto ou relações entre pessoas do mesmo sexo.

Essas determinações impostas por dogmas da Igreja Católica, por vezes, influenciam não somente a vida do indivíduo e suas atitudes em um círculo social mais restrito, mas também aspectos que têm maior alcance em termos de consequências, como o voto, no âmbito da política.

O catolicismo foi imposto para os povos que aqui habitavam e moldou nossa sociedade em costumes, crenças e valores nos mais de cinco séculos de sua existência em território nacional, como será apresentado a seguir.

De acordo com Vieira (2016), a presença de membros da Igreja Católica em territórios brasileiros se dá desde o início da invasão dos portugueses. Não há registros de nomes ou datas exatas, mas sabe-se que por volta de 1532 iniciou-se a evangelização dos povos originários.

Em 1549, vindos de Portugal, os primeiros jesuítas desembarcaram no Brasil, mais especificamente na região de Vila Velha. Entre eles estava o padre Manuel da Nóbrega, líder da missão que tinha como objetivo disseminar a fé católica em território brasileiro.

A educação imposta pelos jesuítas ia além do aspecto religioso. Eram ensinados aspectos da vida social, como economia, cultura e educação. Os

indígenas, apesar de aderirem a esses ensinamentos, não abdicaram de seus costumes anteriores, fazendo com que a Companhia de Jesus implantasse o que foi chamado de “redução”, que consistia em juntar grupos indígenas e impor a eles uma vida totalmente regida pelos preceitos cristãos, como a monogamia, as vestimentas, a adoção do calendário cristão e de hábitos que contribuíssem com o desenvolvimento social, como o trabalho agrícola.

No início do século XVII, os jesuítas já eram quase duas centenas, e isso influenciou em outro ponto: a educação em escolas. Próximo à virada do século XVI, a Ordem obtinha cinco colégios, os quais eram gratuitos, pois eram financiados pela Coroa Portuguesa.

No que diz respeito à escravidão, a Igreja teve um papel menos ativo em comparação à catequização dos indígenas, porém era não somente conivente, mas tinha participação ativa no sistema escravagista (*ibid.*).

Em meio a tudo isso, boa parte dos religiosos e do clero não só se acomodou a tal situação, como inclusive passou a ser proprietária de escravos. Até os jesuítas se utilizaram deles, primeiro uns poucos para os trabalhos domésticos, depois em grande quantidade nas fazendas (Vieira, 2016, p. 92).

O contato de membros da Igreja com os negros fez com que os escravizados acabassem por adotar elementos da religião cristã.

Em uma visita a mocambos, o padre holandês Jan Blaer encontrou imagens que remetiam a Jesus Cristo e a santos. Elas continham adaptações, mas à sua maneira, os quilombolas mantinham contato com o catolicismo, até mesmo orações cristãs eram ensinadas em Palmares (*ibid.*).

Segundo Pierre Verger *apud* Vieira (2016, p. 97), no final do século XVII surgiram as primeiras manifestações religiosas permeadas pelo sincretismo. Já no século XVIII, esses cultos passaram a receber maior evidência por meio de registros.

O chamado “Calundu”, termo de origem banto¹², é uma das manifestações mais antigas que se tem conhecimento. O Calundu servia para classificar um composto de várias práticas religiosas africanas de diferentes origens que, por vezes, poderiam se fundir. O Calundu se deu em regiões do nordeste, mas teve maior força na região sudeste, mais precisamente em Minas Gerais.

¹² O termo “banto” designa de forma abrangente uma gama de povos e culturas da África Central.

Em seu artigo “Catolicismo: Missão e Influência no Brasil e no Continente Latino-Americano”, o autor Érico Xavier (2022) fala sobre o sincretismo no Brasil.

Como uma estratégia de aumentar o número de fiéis, foram criadas irmandades, festas e comemorações em um esforço de atrair mais pessoas para o catolicismo e oferecer maior destaque à religião popular, especialmente aos pobres. Por meio dessas alterações foram integradas as crenças já existentes em santos e imagens, a possibilidade de milagres, o messianismo indígena, entre outras formas de crença, às quais as camadas sociais mais vulneráveis se apoiavam e colocavam em prática.

O campo das artes foi outro aspecto importante no qual o catolicismo teve influência na história do Brasil.

O movimento Barroco foi a primeira manifestação cultural de grande relevância durante o período colonial. Ao chegar ao Brasil, o estilo passou por adaptações e, através da pintura e de esculturas, tornou-se um meio de se representar temas ligados à fé.

O Barroco nativo atingiu seu ápice em Minas Gerais, e lá se tornou ocupação de escravos e alforriados que demonstravam grande aptidão para essas atividades, conforme o que se segue:

O barroco se tornou tão popular, porque era a representação de uma visão do mundo e das coisas, exprimindo com fidelidade uma época e uma filosofia de vida. Por isso, na imagem da Mãe de Cristo os artistas traduziram as ansiedades e a dor de toda a comunidade, ao representarem mulheres que sofrem dolorosamente, como as Senhoras da piedade e das dores. Minas Gerais foi o lugar por excelência onde as manifestações artísticas se tornaram o retrato fiel dos múltiplos conflitos e denunciaram o sistema de dominação. Isso ocorreu no momento em que se violou o modelo europeu imposto, imprimindo na forma e no conteúdo aquelas expressões negras e mestiças, verdadeiros retratos do Brasil (Vieira 2016, p. 100).

Outro ponto de virada significativo na história do catolicismo foi a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, que se deu após conflitos com a Coroa. Esse evento trouxe benefícios para a Igreja, pois sem as limitações impostas pelo Estado, o crescimento da Igreja ocorreu de forma ágil, e ela se voltou para centros que estavam em desenvolvimento devido à mineração que estava no seu apogeu no país (Medeiros, 2016, p. 31).

A partir da formulação da Constituição de 1824, o país foi aberto para outras religiões, porém o catolicismo permanecia em seu lugar de prestígio sendo ainda a religião oficial do Brasil (Medeiros, 2016, p. 97).

A separação entre Igreja e Estado deu-se com a proclamação da República em 1889, extinguindo a exclusividade do catolicismo como a única prática religiosa permitida. A partir de então, a Igreja alcançou autonomia em sua atuação e, assim, conquistou ainda mais território através das diversas paróquias e dioceses que foram criadas em território nacional, expandindo-se além dos grandes centros e espalhando-se também pelo interior.

Por meio desse breve cenário sobre o catolicismo através dos séculos, é possível notar a importância dessa religião na formação da identidade do povo brasileiro, em suas diversas esferas, indo muito além do aspecto puramente religioso.

Embora no século XIX a possibilidade de se praticar outras religiões tenha sido validada por lei, o catolicismo seguiu e ainda segue permeando a vida do brasileiro. Mesmo aquele que não pratica a religião está aquém dessas influências, que são diversas, desde o calendário com seus feriados católicos, suas celebrações que movimentam a economia e o turismo por todo o território nacional, até sua influência em manifestações artísticas, como a obra objeto de estudo desta pesquisa.

2.3 Catolicismo no nordeste

O nordeste brasileiro é um vasto território onde a diversidade cultural, especialmente na esfera religiosa, ocupa um papel central na constituição da identidade regional, pois as tradições litúrgicas transcendem os templos e inserem-se fortemente nas práticas sociais das comunidades do interior do Brasil, moldando costumes e valores, e revelando aspectos marcantes da formação histórica e identitária do país. Isto representa o que se convencionou denominar “Brasil Profundo”, um lugar que preserva a alma e a memória de um povo esquecido.

Para melhor entendimento deste tópico e os futuros, explicaremos brevemente o significado deste termo que denomina os espaços rurais do nordeste, conforme o livro “Histórias dos Sertões: Brasil Profundo”, de 2023. Nele estão compilados

diversos estudos relacionados ao sertão, e foi organizado por Evandro dos Santos, docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Um dos textos incluídos é de autoria de Matheus Felipe Araujo Souza e Ane Luise Silva Mecnas Santos, “Onde é o Sertão e Quem é o Sertanejo? Uma Análise Discursiva em ‘O Quinze’, de Rachel de Queiroz”, onde afirmam que a ideia de “sertão” aparece de modo recorrente histórica e socialmente no Brasil desde o século XVI, em escritos de cronistas e viajantes, constituindo através do tempo no pensamento social uma noção de nação (Sousa e Santos, 2023, p. 108 *apud* Amado, 1995, p. 145-146).

Os autores apontam, ainda, que este termo chegou ao Brasil através das cartas de Pero Vaz de Caminha, quando chegou ao nosso território. Acredita-se que, quando os portugueses estavam na costa africana, denominavam tudo o que viam de dentro dos navios ou nos litorais como “sertão”, que carrega, etimologicamente, o sentido de “lugar incerto”, “desconhecido”, do latim *desertanum* (2023, p. 109).

É através disso que se tem, no saber popular, o sertão como um lugar longínquo, inóspito, selvagem, pouco povoado, senão completamente abandonado (Sousa e Santos, 2023, p. 110).

No texto “Sertão, Sertões do Piauí: Territórios Retraçados, Questões Redefinidas?”, de autoria de Ana Maria Bezerra do Nascimento, vemos que o termo é atribuído a diferentes estados do Brasil ao longo dos anos, conforme a concepção de cada estudioso.

[...] o sertão das Rodelas era uma área que compreendia uma vasta região composta, segundo Afonso de Taunay, em sua História Geral das Bandeiras Paulistas, de “rios, terras férteis, clima muito saudável, próprios à criação e sustento de gado” (Taunay, 1946, p. 268); já o “sertão mimoso” era, para o viajante naturalista George Gardner, em Viagens pelo Brasil Principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 a 1841, “a região oriental de Piauí e quase toda a província do Ceará, chamada pelos habitantes em contradistinação as zonas centrais e ocidentais a que dão o nome de agreste” (Gardner, 1976, p. 196); para Capistrano de Abreu, em Capítulos da História Colonial (1982), o sertão estava dividido em sertões de dentro, área que abrangia desde o São Francisco até o sudoeste do Maranhão, e sertões de fora, que se estendia da Paraíba até o sertão de Acaraú, no Ceará; no “alto sertão” ficava a Serra da Ibiapaba, que englobava uma divisão com a província do Ceará, até o litoral piauiense, e era a principal passagem para o Maranhão” (Nascimento 2023, p. 288 *apud* Gardner, 1976, p. 196).

No entanto, foi com Euclides da Cunha que o termo “sertão” ficou conhecido (Nascimento, 2023, p. 293). Sua obra “Os Sertões”, de 1902, onde escreveu sobre a Guerra de Canudos, que marcou a Bahia em 1897, trouxe também reflexões, sobre temas como a miséria, a seca, a cultura e a civilização, e o fanatismo religioso no sertão. Essas foram as características que ficam estabelecidas acerca da definição do que é o interior do Brasil. Este livro descreve as pessoas que habitavam naqueles lugares.

Sua gente era predominante sertaneja, que trabalhava nas fazendas, em especial, na função de vaqueiro, porque “todo sertanejo é vaqueiro”. Morava nas “casas de palha” cedidas pelo dono da fazenda ou curral. Para Euclides da Cunha, o sertanejo era um tipo espacial dentro do caleidoscópio das gentes do Brasil. Formado a partir de um “intricado caldeamento” que “ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos. Está apenas delineado” (Nascimento, 2023, p. 289 *apud* Cunha, 2011, p. 99 - 154).

É importante, por fim, salientar, que o termo não tem uma definição exata, mas apresenta características que são apontadas em todas as esferas de uso, como a ênfase no aspecto geográfico, que evidencia o desvelo por parte do estado e que, por sua vez, abre espaço para a religiosidade que é muito presente e coexiste com o sincretismo religioso, o que, muitas vezes está atrelado, também, ao fantástico. É este último aspecto, a religião, que será explorado mais detalhadamente a seguir.

Na Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC), o professor de Geografia da PUC-Rio, Scott William Hoefle, publicou em 1995 um estudo chamado “Igreja, Catolicismo Popular e Religião Alternativa no Sertão Nordestino”, no qual escreve sobre os resultados de sua investigação, que durou dois anos, acerca das manifestações das religiões populares nas regiões mais afastadas do nordeste, com ênfase nas crenças cristãs, em municípios de Pernambuco e da Bahia. Este estudo será utilizado como base para este tópico do trabalho.

Segundo o autor, depois de 1930, o sertão nordestino por muito tempo foi negligenciado pelo desenvolvimento do país, tanto econômico quanto governamental, apesar de ter sido uma das primeiras áreas da colonização, o que o autor chama de “zona de fronteira”. Este fato criou um terreno fértil para a volta da disseminação das tradições do catolicismo popular, religião que se mantém firme entre os moradores dessas regiões.

Veremos que a religião alternativa — particularmente suas formas contemporâneas — simplesmente não combina com os valores fundamentais do modo de vida contemporâneo do Sertão. Não se ajusta à cultura local, de forma que repele muito mais pessoas do que atrai. Como consequência, o catolicismo permanece a fé da grande maioria dos sertanejos. Segue-se, assim, uma análise de impacto da introdução de novas religiões alternativas no contexto de uma economia camponesa deprimida, da urbanização subdesenvolvida e do maior distanciamento social entre as classes (Hoefle, 1995, p. 27).

Apesar de as práticas do catolicismo serem muito comuns para a população geral do nordeste, são as mulheres que apresentam maior assiduidade em missas e eventos tradicionais da religião, em especial as mais velhas ou viúvas, totalizando de 60% a 85% das congregações. Isto porque, em suas comunidades, recai sobre as mulheres o dever de cuidar da saúde espiritual de suas famílias, rezando não apenas para seu próprio bem-estar, mas em nome do marido e filhos. Para as viúvas, é o prazer de doar seu tempo livre para algo útil, constata o autor.

A religião católica está presente no dia a dia dos sertanejos não apenas através dos rituais formais da liturgia, mas por datas comemorativas que percorrem todo o ano. Estes festejos são considerados como um dia de descanso do trabalho, especialmente em dias dedicados aos santos padroeiros. Para muitos, desrespeitar esta regra pode causar chateações à estas divindades, ocasionando, possivelmente, algum infortúnio futuro.

Hoefle destaca alguns eventos que ilustram os dois lados da etiqueta católica, onde o caráter sagrado e o social se encontram.

A Semana Santa, que ocorre entre os meses de março e abril, celebra a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, e apesar de representar o ápice do sagrado e ter ênfase nisto, também apresenta um cunho social, pois deve predominar a união da comunidade. Coletivamente, a população se abstém de festas, bebidas alcoólicas e vestes coloridas durante toda a celebração, onde a memória do sofrimento e sacrifício de Jesus é forte. Nas festas juninas, por outro lado, o social é tão enfatizado, que apenas os mais devotos se lembram do aspecto religioso e participam das cerimônias sacras.

A participação nesses ritos tradicionais é marcante desde o nascimento, como uma herança familiar. Todas as fases da vida de um sertanejo católico são levadas à

igreja, mesmo as consideradas seculares, são entregues a Deus em desejo de uma bênção, ou consideradas um presente concedido por ele.

A relação entre a vida e a morte, o que Hoefle chama de “Este Mundo e o Outro Mundo” também tem uma grande importância dentro do catolicismo popular no nordeste brasileiro.

No sertão, a crença é de que, mesmo após um morto ser enterrado, a morte não se dá por completo até que a alma, que fica vagando pelo cemitério, passe para o “outro mundo”, o que não acontece até que a carne seja completamente consumida pela terra. Por este motivo, o cemitério é considerado um ambiente hostil para os vivos, pois estas almas solitárias podem querer levar alguém consigo.

Similarmente, é comum que, ao visitarem o local para cerimônias fúnebres ou no Dia dos Finados, as pessoas deixem todos os seus pertences do lado de fora, façam tudo com muita rapidez e, ao voltarem para casa, tomem banho imediatamente. Acredita-se que, além do perigo do contágio de doenças, há também o risco de um “contágio espiritual”, crença que surge da ideia de que a vida se dá pela junção do corpo e da alma, um preceito cristão.

Esta não é a única ligação das almas com os vivos. Segundo Hoefle, são comuns os relatos de pessoas que recebem mensagens dos mortos através de sonhos. Essas manifestações podem ocorrer quando uma alma está inquieta, pois o corpo enterrado ainda não se degenerou completamente, visto que em muitas regiões o solo seco e pedregoso pode causar uma mumificação. Neste caso, os entes queridos movem o corpo para outro lugar. Em outras ocasiões, a alma pode aparecer para se despedir, ou para avisar a alguém que aqueles são seus últimos dias de vida e, no momento de partir, virá buscá-lo.

Para o sertanejo, cuidar destas almas e velá-las corretamente são ações cruciais para que o espírito de seus parentes e amigos falecidos não fique perdido.

Idealmente, uma pessoa deveria ser cercada por estes na hora de sua morte, e, após a morte, eles deveriam continuar *vigiando* o falecido a noite toda, de velas acesas, até o enterro, no dia seguinte, quando o corpo vai para o seu lugar na terra santa do cemitério. Se ficar sozinho nesse momento de transição deste mundo para o outro, a alma pode perder-se no *espaço*, que é o Inferno para o sertanejo. Além disso, existe uma vaga ideia da alma desprotegida ser carregada por algo que possivelmente seja outra alma *perdida* que deseja companhia, e, não necessariamente, carregada pelo Diabo. O uso de velas à noite antes do enterro, por sua vez, neste caso

revela a importância da luz para afastar almas indesejáveis (Hoefle, 1995, p. 32).

Ainda sobre a morte, quando se trata de crianças, a crença geral é que elas têm acesso direto ao céu, pois são limpas de pecado. Esta ideia se espalhou devido à falta de acesso dos padres ao sertão, visto que a viagem para chegar a lugares mais afastados da cidade poderia demorar dias, semanas e, até mesmo, meses. Para os católicos, era um martírio pensar que sua criança não seria salva por não ter sido batizada a tempo, antes de morrer.

A concepção sobre o céu, na visão dos católicos sertanejos, é de um lugar alegre e sem sofrimentos, mas com uma hierarquia bem definida. Deus é a figura máxima, em seguida vêm os santos e, por fim, as almas comuns. Estes santos, inclusive, são donos de vontades individuais, à parte de Deus, e é assim que atendem a pedidos e realizam milagres para os terrenos, no entanto, possuem contato direto com Ele.

O inferno, por sua vez, é diferente da concepção nacional, um lugar onde as almas pecadoras vão queimar para toda a eternidade. O castigo é a solidão, tornar-se uma alma perdida e vagar pelo “espaço”, um lugar vazio e escuro, pela eternidade. Essa crença, para Hoefle, é uma herança do passado, da visão do sertão como uma “zona de fronteira”, completamente isolada do movimento e evolução das cidades.

A existência do purgatório, comum na crença católica, é desnecessária para essas comunidades, visto que para se livrar do peso do pecado, basta buscar perdão divino através da confissão a um padre. A figura do Diabo, chamado também pelos nomes “Demônio” ou “Cão”, tem a função de levar as pessoas a pecar, mas não de torturar os pecadores após a morte.

Existem diversos pecados que são muito julgados pela comunidade católica, como ter relações sexuais antes do casamento, o que é resolvido com matrimônio forçado ou vingança de morte. Mas além das más condutas ligadas à doutrina cristã, a punição para alguns destes pecados tem ligação com crenças e mitos populares com origem no folclore brasileiro. O homem que abandona a família para ficar com outra mulher, por exemplo, corre risco de virar lobisomem, assim como o castigo para mulheres que levam padres a quebrar seu voto de castidade é virar mulas-sem-cabeça.

Além do corpo de crença em volta das almas e dos santos no Sertão, também encontra-se até hoje a crença em espíritos do mato, tais como a caipora e os animais encantados. São espíritos animistas típicos deste mundo, que, em troca do usufruto dos produtos do mato, são aplacados com fumo e outras oferendas. Como Schneider (1990) observa na Europa antes da ocupação das últimas fronteiras internas por meio da Agricultura Científica, no Sertão os espíritos do mato vivem em lugares distantes da habitação humana e são mestres dos animais silvestres. São encontrados raras vezes e normalmente no contexto da caça, quando devem ser tratados com respeito e espírito de reciprocidade (Hoefle, 1995, p. 33).

Hoefle explica, por fim, que a força da religião popular católica no sertão do Brasil se deve ao ambiente em que essas comunidades vivem, que exige muita força não só para o trabalho, mas para a sobrevivência em si. A herança histórica da religião, as relações entre classes e o processo de subdesenvolvimento gerado pela negligência governamental explicam o ardor que levou à ascensão de figuras como Antônio Conselheiro e Padre Cícero, líderes religiosos que lutavam pelos mais necessitados e injustiçados, e que foram imortalizados por gerações de nordestinos.

São as adversidades do povo que pedem por intervenção divina.

2.4 Santo Antônio e a cultura brasileira

A devoção aos santos é uma expressão da tradição católica no Brasil com forte presença na cultura popular em todo o território nacional, mas com maior força, especialmente, na região nordeste. Estes santos são considerados exemplos da vida cristã, além de grandes intercessores do povo.

No livro “A Cabeça do Santo”, que se passa em uma região rural do Ceará, essa crença é retratada através de três influentes figuras do catolicismo sertanejo.

O primeiro é Padre Cícero Romão Batista (1844-1934), comumente chamado de “Padre Cícero” ou “Padim Ciço”. Não canonizado oficialmente, ele é conhecido como “santo do povo” por sua atuação em Juazeiro do Norte, no Ceará, e sua forte ligação com o povo pobre. Foi ordenado sacerdote aos 26 anos de idade, e sua irmandade era independente da hierarquia eclesiástica, sendo a caridade sua prioridade. Seu primeiro milagre foi fazer a hóstia dada a uma beata transformar-se em sangue em sua boca, e isto se repetiu por vários anos. Por levantar dúvidas sobre a veracidade do milagre, foi excomungado da igreja, o que não impediu que fosse, até os dias de hoje, venerado pelos católicos (IHU, 2016).

O segundo é São Francisco de Assis (1182–1226), nascido Giovanni di Pietro di Bernardone, um frade italiano que rejeitou o dinheiro e o *status* de sua família para se dedicar à simplicidade e à natureza, sendo considerado padroeiro dos animais e do meio ambiente. Na juventude, passou a ter visões místicas, as quais considerava divinas, e decidiu afastar-se da vida mundana para ajudar os necessitados. Tempos depois, fundou seu grupo religioso, a Ordem dos Frades Menores, dando origem à ordem religiosa que levou o nome de “franciscanos”, que cultiva a pobreza, a caridade e a fraternidade.

O último é Santo Antônio, personagem de grande influência nos acontecimentos da narrativa de Socorro Acioli, e sobre quem discorreremos detalhadamente a seguir.

A devoção a Santo Antônio, além de sua relevância religiosa, está profundamente enraizada no imaginário popular, especialmente no que diz respeito à busca por um relacionamento amoroso, consolidando sua fama de “santo casamenteiro”. É igualmente associado à ajuda na recuperação de objetos perdidos e na cura de enfermos.

Segundo o jornalista e escritor brasileiro Edison Veiga, autor da biografia “Santo Antônio”, publicada em 2021 e utilizada como fonte principal neste tópico, o nome de batismo do santo era Fernando Martins de Bulhões e Taveira de Azevedo, nascido no ano de 1195, na cidade de Lisboa, que ainda não era capital de Portugal.

Desde pequeno, Fernando era levado para assistir a missas com sua família em um mosteiro de ordem agostiniana próximo a sua casa, e lá já demonstrava admiração pela liturgia, vestes e cânticos. Acredita-se que seu encantamento era tal que, aos cinco anos de idade, havia prometido a Deus ser um sacerdote. É desta época que atribuem a Santo Antônio seus primeiros milagres.

Conforme Veiga, conta-se que um deles envolve a recuperação de um cântaro quebrado para uma mulher desconhecida.

Posteriormente, na escola episcopal, Fernando era considerado um dos mais assíduos coroinhas a auxiliar nos eventos e celebrações da Ordem dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, e é deste fato que se origina a famosa imagem de Santo Antônio com feições de criança, vestido como coroinha.

Na juventude, honrando a promessa feita quando criança, Fernando decidiu ingressar na ordem religiosa agostiniana de São Vicente de Fora, onde um ano depois fez a profissão solene com votos de pobreza, castidade, obediência e, por

último, o voto de estabilidade, que estabelece total fidelidade ao mosteiro que o acolheu até o dia de sua morte.

Segundo Veiga, Fernando quebrou a última promessa ao se mudar para o Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra. Anos depois, quebrou seu voto pela segunda vez, mudando agora não apenas de mosteiro, mas de ordem. Decidiu, então, tornar-se um franciscano.

Essa mudança refletiu também em seu nome, que passou a ser Antônio. O novo batismo homenageava Santo Antão, o santo que inspirou a criação da ordem religiosa de Agostinho, da qual Fernando fazia parte. Era a ligação do seu passado com o seu futuro.

Em pouco tempo, foi enviado junto a outro frade para o Marrocos, com o objetivo de evangelização, mas devido a uma doença que lhe acometeu, se viu impossibilitado de cumprir a missão e decidiu voltar para Portugal tomando carona em um barco mercante. No entanto, devido às fortes tempestades, o barco que levava Antônio foi parar na Itália, entendendo tal infortúnio como um sinal divino.

Antônio abrigou-se no mosteiro de Montepaolo, onde seus companheiros franciscanos viviam a mesma vida simples que conhecia. No entanto, foi na cidade de Forli que sua vida sacerdotal mudou completamente. Foi designado a falar em um evento de ordenação de novos padres e surpreendeu seus companheiros e ouvintes. Antônio revelou sua sabedoria, eloquência e o dom da palavra, tornando-se, a partir de então, um pregador itinerante.

De acordo com Veiga, um dos milagres do seu tempo na Itália remete à tradição, mantida até os dias de hoje nas comunidades católicas, de distribuir pães, atualmente chamados de “pãezinhos de Santo Antônio”.

Em uma de suas paradas nas cidades onde pregava, havia uma casa religiosa conhecida por assar pães para consumo próprio, e o que sobrasse era dado aos pobres. Antônio, ciente da fome de muitos, costumava levar alguns desses pães para as praças, e distribuía para a população necessitada que lhe ouvia. Certa vez, acabou levando toda a fornada para a praça, deixando seus companheiros famintos no convento. Misteriosamente, aquele cesto que foi esvaziado na rua tornou a ficar cheio.

Tempos depois, foi transferido para a França, onde operou milagres que entraram no imaginário popular. Muitos envolviam profecias sobre o futuro, como o de uma mulher grávida que lhe pediu uma intercessão pelo seu bebê. Ao fim da

oração, Antônio lhe disse que o menino seria um sacerdote e morreria pela fé, o que se concretizou muitos anos depois.

Antônio volta à Itália, tendo consolidado sua fama como pregador e milagreiro, e se instala em Assis, onde recebe o cargo de ministro provincial da Romanha, no norte do país. Seria o responsável por supervisionar as atividades franciscanas em diversas cidades da região. No entanto, logo se cansou da burocracia do cargo, e decidiu ir para Pádua.

Ali, Antônio viveu seus últimos anos de vida, pregando a palavra e intercedendo pelas milhares de pessoas que o acompanhavam para ouvi-lo e receber seus milagres com absoluta adoração.

Foi nessa cidade que, com fortíssimas crises de tosse, calafrios e febre alta, Antônio morreu, no ano de 1231.

[...] os irmãos franciscanos que testemunharam sua agonia final decidiram que era melhor esperar o anoitecer para levá-lo à igreja de Santa Maria – ou haveria muito tumulto pelas ruas. Mesmo com tal zelo, misteriosamente a notícia começou a se espalhar entre o povo. De modo que logo era possível ouvir crianças gritando pela cidade: “O santo morreu! Frei Antônio morreu! O santo morreu!” (Veiga, 2021, p. 150).

Após sua morte, milagres conhecidos e desconhecidos foram atribuídos a Antônio, muitos dos quais lhe deram a fama popular mais conhecida até hoje, especialmente no Brasil: a de “santo casamenteiro”.

Segundo relatos, Antônio, muitas vezes, aconselhou famílias a evitarem praticar casamento arranjado, costume comum em sua época, pois favorecia o acúmulo de posses. O frade era totalmente contra misturar negócios e dinheiro com o amor e o matrimônio, considerados sagrados.

Uma das histórias associadas a este tema conta que uma moça (ou seu pai, em outras versões desta mesma história) necessitava de dinheiro para seu casamento, e recebeu de Antônio auxílio para que pudesse realizá-lo. Alguns dizem que este feito se deu após sua morte, caracterizando-o como um milagre em resposta a uma oração da moça, que encontrou a quantia que precisava em seu quarto, misteriosamente. Outros sustentam que ainda em vida Antônio teria dado, pessoalmente, parte de seus donativos a ela.

Nas simpatias populares brasileiras, a imagem de Antônio, canonizado santo onze meses após sua morte pelo Papa Gregório IX, é utilizada como forma de

chantagem pelas mulheres que desejam se casar. É colocado pendurado de cabeça para baixo, dentro de copos com água ou dentro de geladeiras, levado para novenas, tudo isso por um milagre amoroso.

Santo Antônio, inclusive, está no Brasil desde a sua fundação, conforme Veiga (2021, p. 203). Em 1500, junto a esquadra portuguesa que desembarcou no país, estavam oito frades franciscanos, entre eles Frei Henrique Soares de Coimbra (1465-1532), que celebrou a primeira missa em solo brasileiro em um domingo de Páscoa daquele mesmo ano, em 26 de abril.

Em pouco tempo, foram abertos conventos dedicados ao santo no Brasil. O primeiro foi construído em Olinda, em 1585, e em seguida outro foi erguido em Vitória, seguido do Rio de Janeiro, em 1608, e depois no litoral de São Paulo, na cidade de Santos, em 1640, e na capital em 1642.

Sua fama de cupido também se espalhou rapidamente, e o Santo passou a realizar diversos milagres para moças solteiras, que faziam promessas e o enfeitavam com flores, tradição que também era fortemente ligada às festas juninas.

De acordo com Veiga, nas antigas comunidades brasileiras, as quermesses eram uma ocasião em que os jovens, enquanto festejavam, procuravam pretendentes para um romance, e é daí que surge a comemoração do dia de Santo Antônio, no dia 13 de junho.

O autor cita o folclorista Câmara Cascudo ao afirmar que Santo Antônio é o santo mais popular entre os portugueses e brasileiros, tendo seu nome popularizado e associado não apenas a pessoas, mas também a igrejas, cidades, povoados e ruas nos dois países.

No ano de 1981, setecentos e cinquenta anos após a morte de Santo Antônio, a Igreja Católica realizou um levantamento que descobriu 158 igrejas dedicadas ao Santo só na região que vai de Santa Catarina ao Espírito Santo, incluindo o estado de São Paulo, este que em 2019, apenas na área circunscrição de sua arquidiocese, apresentou 16 paródias de Santo Antônio.

Outro exemplo que ajuda a consolidar a crença de que o santo franciscano é um dos mais influentes do Brasil, a Associação do Senhor Jesus realizou em 1995 uma enquete com 4.000 pessoas para saber de quais santos os católicos brasileiros eram mais devotos, e 20% afirmam ser fiel a Santo Antônio.

Veiga observa, ainda, a coincidência de ter como primeiro santo brasileiro canonizado um Antônio, também membro da Ordem dos Frades Menores, o Frei

Antônio de Sant'Anna Galvão, natural de Guaratinguetá. Inclui, também, o jesuíta que teve grande influência para o catolicismo no Brasil do século XVII, o Padre Antônio Vieira, filósofo, escritor e orador português da Companhia de Jesus. Os dois representam grandes exemplos da forte presença antoniana no país.

3 “A CABEÇA DO SANTO” E O BRASIL PROFUNDO SOB A PERSPECTIVA DO REALISMO FANTÁSTICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar a autora Socorro Acioli e sua obra “A Cabeça do Santo”, a qual é o objeto de estudo deste trabalho. Dando continuidade ao capítulo, sua análise será feita sob a perspectiva do Realismo Fantástico, na qual serão retomadas as teorias apresentadas no capítulo 1, para identificar na narrativa os elementos fantásticos, como também serão apontados os aspectos socioculturais, sob a perspectiva religiosa apresentada no capítulo 2, que formam parte da identidade do Brasil Profundo, retratado pela autora em seu romance.

3.1 Socorro Acioli e “A Cabeça do Santo”

Socorro Acioli nasceu em Fortaleza, Ceará, em 24 de fevereiro de 1975. É formada em jornalismo e, além de escritora, é também professora na Universidade de Fortaleza. Ela é mestre em Literatura Brasileira e doutora em Estudos de Literatura, tendo publicado mais de vinte livros, entre romances, infantis, juvenis, ensaios, biografias e contos. Ela é mais conhecida por seus romances, “A Cabeça do Santo”, publicado em 2014, e “Oração para Desaparecer”, de 2023.

A autora venceu o Prêmio Jabuti em 2013, na categoria infantil, pelo livro “Ela tem olhos de céu”, publicado no ano anterior, e seu primeiro romance, “A Cabeça do Santo”, foi traduzido para o inglês, francês, espanhol e italiano.

No ano de 2023, foi convidada da FLIP e também foi a autora mais vendida daquela edição.

Segundo a autora, em entrevista concedida ao programa de TV “Trilha de Letras”, ela iniciou “A Cabeça do Santo” em 2006, durante a oficina de escrita “Como contar um conto” na Escola de Cinema e TV de San Antonio de los Baños, em Cuba, ministrada por Gabriel García Márquez, autor de “Cem Anos de Solidão”, considerado o maior nome na literatura latino-americana e do Realismo Fantástico.

Acioli soube da oficina ministrada por Márquez e demonstrou seu interesse em fazer parte do corpo discente, porém foi informada de que era uma oficina somente para pessoas convidadas pelo autor.

Durante oito meses, ela enviou diversos e-mails para pessoas com diferentes cargos na escola, até que lhe foi concedida a oportunidade de apresentar seu trabalho e, mediante aprovação de Márquez, ela pôde assistir às suas aulas.

A ideia para o livro surgiu quando Acioli tomou conhecimento, através de uma reportagem de jornal, que em uma pequena cidade chamada Caridade, no interior do Ceará, havia um plano para a construção de uma estátua gigante de Santo Antônio, mas que, devido ao mau planejamento, a estátua não foi concluída e a cabeça gigante permaneceu abandonada em um bairro residencial. Os moradores do local mostraram-se descontentes, pois a cabeça passou a servir de banheiro, motel, e até de abrigo temporário.

A partir desse evento, e da experiência na oficina de escrita, a autora levou sete anos para concluir “A Cabeça do Santo”.

Após ser aluna na oficina ministrada por Gabriel García Márquez, Acioli passou a ministrar sua própria oficina de escrita que acontece online, e também presencialmente em Fortaleza.

3.1.1 O Enredo

Após se tornar órfão, Samuel parte para a cidade de Candeia para realizar o último desejo de sua mãe: encontrar o pai que ele não conheceu. Depois de andar por dias a pé, debaixo do sol escaldante do sertão nordestino, ele chega a pequena cidade que parece abandonada, com casas decadentes e pouquíssimas pessoas.

Desamparado e sem conhecer ninguém, por orientação de sua avó paterna, que não o acolhe, ele encontra uma cabeça gigante, a qual era parte de uma estátua de Santo Antônio que nunca foi concluída e permaneceu abandonada.

Samuel, então, passa a usar a estátua como moradia e, no seu primeiro dia ali, começa a ouvir as vozes de mulheres que faziam pedidos de amor ao Santo.

Inicialmente, Samuel não sabe o que fazer e passa até a duvidar de sua sanidade, mas, ao conhecer um morador da cidade, Francisco, que posteriormente torna-se seu aliado e tem a ideia de tirar vantagem daquele “dom”, ele passa de alguém sem importância para um intermediário de Santo Antônio na realização de milagres.

A partir desse evento, a cidade se transforma e ganha vida novamente. Fiéis de cidades vizinhas dirigem-se ao local quando tomam conhecimento de que, em Candeia, há um rapaz usado pelo Santo para ajudar os devotos a alcançar bênçãos.

Após a “ressuscitação” de Candeia, o prefeito da cidade passa a ver com maus olhos toda a atenção recebida por Samuel, pois isso interferia em seu interesse de manter a cidade abandonada para lucrar com a venda das casas desabitadas.

Os milagres realizados por intermédio de Samuel colocam em risco sua própria vida e ele precisa fugir da cidade, mas não sem antes presenciar outros eventos fantásticos relacionados a sua família e outras pessoas de Candeia.

3.2 O aspecto religioso em “A Cabeça do Santo”

Conforme apresentado no capítulo anterior, a religião, especificamente o catolicismo, está intrínseco à identidade do povo brasileiro.

No Brasil Profundo, no interior, no campo, em lugares remotos, onde autoridades governamentais muitas vezes não cumprem o papel que lhes é atribuído, populações abandonadas e negligenciadas desses locais se atêm à fé e tudo que se move através dela, sendo a religião o que lhes resta para lidar com as dificuldades enfrentadas do dia a dia.

Lugares onde políticos ou padres não podem ou querem usar de seu *status* de autoridade para a resolução de problemas, tendem a criar seguidores de movimentos messiânicos, que são geralmente pessoas em situação de vulnerabilidade. Um exemplo disso são as romarias no sertão, que são um meio encontrado pelos devotos de entrar em contato com os santos que têm um poder maior na sua proximidade com Deus (Hoefle, 1995, p. 35).

Em seu romance “A Cabeça do Santo”, Acioli utiliza desses aspectos para retratar uma realidade sociocultural que está presente em todo o país, mas principalmente em regiões longínquas do nordeste brasileiro, onde se passa o romance. Por meio de romarias, devotos, promessas, milagres, santo, padre, a autora cria uma narrativa que retrata vários cantos do Brasil, onde a fé, muitas vezes, é colocada acima da sensatez.

A seguir, serão apresentados trechos da obra que ilustram a importância da religião para o brasileiro dessas regiões, e como ela permeia diversos âmbitos de sua vida.

No início do livro, no capítulo intitulado “Candeia”, cidade fictícia onde se passa a obra, a autora começa com a apresentação de uma romaria. Samuel encontra os romeiros durante sua jornada até Candeia. Ele está em um estado deplorável, caminhando há dias, sem comida nem água. Inicialmente, Samuel é ajudado pelos romeiros, pois eles acreditam que ele é um deles, porém, quando descobrem que não, uma das devotas demonstra desgosto e tira conclusões sobre seu caráter, salientando um conservadorismo exacerbado.

Oito pessoas feitas de fé: três homens, duas mulheres, três crianças. Todos usando a túnica marrom de pano grosso exatamente igual à que São Francisco usava — eles tinham o direito de acreditar nisso. Surrão amarrado na cintura, algumas provisões. Poucas: eram sacos murchos no fim da jornada, pois dali já se enxergava a imagem de São Francisco de Canindé, marrom, gigantesco, de mãos espalmadas. Andavam devagar. O homem mais jovem de joelhos, os outros ao redor, por perto. As crianças menores iam nos braços, a maior ia a pé e aceitava a penitência, talvez sem saber que ainda não devia nada a santo algum. Baluciavam o tempo todo, não deixavam de rezar, o santo estava ouvindo. Caminhavam para que os visse, olhasse para o seu sacrifício e fosse benevolente com os pedidos que carregavam (Acioli, 2014, p. 7).

Hoefle, em seu artigo citado no capítulo anterior, explica que o ato de prometer implica também uma troca, que pode ser feita através de penitências, como usar vestimenta franciscana, deixar os cabelos crescerem por um longo tempo, entre outros. Em um contexto não religioso, esses atos de sacrifício não fariam sentido, pois seriam vistos como inusitados, mas, em se tratando de religião, passam a ser atos estimados pela comunidade.

Ainda em relação às promessas, as romarias, como a apresentada no trecho do livro, Hoefle as descreve como uma jornada até um santuário com o propósito de deixar uma oferenda, que pode ser um objeto ou até mesmo dinheiro, aos pés do santo. O deslocamento até o local pode, também, tornar-se parte do sacrifício, e o devoto pode dificultá-lo fazendo-o a pé, de joelhos, e até carregando uma cruz para intensificar seu martírio (1995, p. 33).

No trecho a seguir, em seu leito de morte, a mãe de Samuel lhe faz pedidos relacionados aos santos, mostrando, assim, a importância deles para o devoto católico. Mesmo prestes a partir, ela quer deixar essa última oferenda em seu nome.

Ela disse que tinha quatro coisas pra pedir a ele antes de partir e Samuel intuiu que não seria fácil escutar.

— Eu quero que você acenda três velas pra minha alma. A primeira no santuário do meu padim Cícero, a segunda na estátua do São Francisco de Canindé, no dia em que você puder ir lá, não carece de pressa. E a terceira é para santo Antônio, porque ele era o santo de devoção da minha mãe. Todas três nos pés deles, meu filho, encostadas nos pés, isso é importante pra mim (Acioli, 2014, p. 12).

Na cultura católica de nosso país há pessoas devotas a santos específicos, que são seus protetores. Essa relação é construída por apreço, fazendo com que o devoto desenvolva uma lealdade ao representante do outro mundo, o santo. A forma de comunicação feita entre fiéis e seus santos de devoção se dá através da patronagem, mediante promessas, sacrifícios e ofertórios. Essa maneira particular de comunicação com o outro mundo é uma característica da cultura brasileira (DaMatta, 1986, p. 77).

Ao lado da estátua há uma casa que abriga os ex-votos de quem pediu graças ao padre Cícero e ele atendeu. Pernas e braços de madeira, vestidos de noiva, fotos de carros, corações, milagre pra todo gosto. Samuel acendeu a vela que sua mãe pediu (Acioli, 2014, p. 19).

DaMatta ainda explica que o milagre é uma resposta aos pedidos dos homens e essa realização é intransferível. O milagre, portanto, é a comprovação de uma troca entre o ser humano e seres de outro plano que não o da realidade na qual vivemos, e envolve desejos, emoções, ambições, objetos que, inclusive, podem servir como prova da concessão desse milagre.

Na passagem a seguir, o primeiro milagre, como é assim descrito, é concedido a uma devota de Santo Antônio que tem seu pedido atendido ao se casar na igreja com o homem que tanto desejava.

Adriano saiu da igreja carregando a noiva nos braços. Ali mesmo ela jogou o buquê de flores de plástico, que foi destruído e transformado em várias relíquias do primeiro novo milagre de santo Antônio de Candeia, por intermédio de Samuel, o mensageiro de recados do Céu (Acioli, 2014, p. 24).

Outro aspecto relacionado à religião, abordado pela autora, é o pecado. No romance isso é apresentado através do sexo, o pecado carnal, evidenciando, assim, o conservadorismo e o moralismo muitas vezes presentes nessas localidades remotas, moldados pela doutrina católica.

Os fragmentos a seguir referem-se à Mariinha, mãe de Samuel, que foi concebido fora do casamento.

O menino nasceu doente, mãe e filho viviam em hospitais e nada na vida dos dois se parecia com a previsão do padre. Diziam que o menino não viveria, era um documento do pecado, a lembrança de um crime (Acioli, 2014, p. 18).

Por meio do cristianismo, o pecado obtém sentido através da salvação. Em consequência disso, para o cristão, o conceito de pecado e culpa tem um valor considerável, tendo em vista que a doutrina cristã prega a redenção. Deus é quem tem o poder de perdoar os pecadores através de seu filho (Almeida, 2012 p. 20 *apud* Pereira, 2010).

Parou na igreja de Tauá antes de ir embora, pediu perdão a Deus pelo seu pecado e pediu por seu filho, que tivesse saúde, que fosse forte, que fosse seu amigo (Acioli, 2014, p. 18).

Em sua narrativa, a autora cria uma personagem “marcada” pelo seu ato, carregando uma culpa. De acordo com os outros, o que acontece de ruim com ela após tal ato é uma consequência de seus pecados. Há um julgamento por parte dos que consideram-se cristãos. Para eles o que sucede com Mariinha é um castigo.

Disse o médico que a doença ela pegou de homem — Samuel só soube disso depois da sua morte. Disseram as beatas que foi doença do pecado, castigo de Deus por se deitar com homem sem casar (Acioli, 2014, p. 12).

Quando o homem comete o pecado é de forma intencional e, após o ato, ele arrepende-se através do sentimento da culpa, podendo, assim, se levar à expiação. E além do tormento interno do pecador, existe, ainda, o julgamento por parte da sociedade. A organização religiosa à qual pertence o cristão determina, por meio da moralidade, possíveis cenários de punição, sejam esses em vida ou morte, e

também quais as possíveis maneiras de redenção que podem levá-lo ao perdão (Scliar, 2012 p. 28 *apud* Pereira, 2007).

Com base nas passagens selecionadas para desenvolver o aspecto religioso do romance, é possível notar, conforme foi apresentado na breve linha do tempo sobre o catolicismo no capítulo 2, como essa religião tem um valor sociocultural e rege diversos aspectos da vida de pessoas em vários cantos do país. É possível, também, reconhecer sua importância para estudos e produções dos campos de pesquisas e das artes que buscam analisar e representar um grupo ou realidade, conforme o objeto de pesquisa em questão deste trabalho.

3.3 O fantástico em “A Cabeça do Santo”

O termo “fantástico”, como apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, tem diferentes significados de acordo com o contexto em que é empregado, tanto dentro quanto fora da literatura. No uso comum, refere-se a algo extraordinário, surpreendente ou fora da realidade. Já no campo literário, o termo adquire contornos específicos, sendo associado a narrativas que introduzem o insólito como parte da experiência de vida dos personagens. É neste cenário que o “Realismo Fantástico” toma forma ao redor do mundo.

No romance “A Cabeça do Santo”, Acioli constrói um universo marcado pela fusão de acontecimentos que, durante toda a narrativa, desafiam as leis naturais, afetando emotiva e socialmente os personagens.

A seguir, serão apresentados trechos do livro que evidenciam essa prática.

No capítulo “Cabeça”, somos apresentados à primeira manifestação que lidera toda a narrativa: o momento em que Samuel, o personagem principal da história, começa a ouvir vozes de mulheres dentro da cabeça caída da estátua de Santo Antônio, que lhe servia de moradia.

Eram exatamente cinco horas da manhã quando Samuel começou a acordar, atormentado, confuso. Ouvia vozes de mulheres, várias, falando ao mesmo tempo. Falando, falando, falando. Parecia reza, briga, conversa, tudo ao mesmo tempo. Talvez fosse pesadelo, pareciam as mulheres do Horto. Sentou-se, assustado, acordado, mas as vozes não paravam. Mais alto, mais forte e, sim, era reza (Acioli, 2014, p. 35).

No primeiro momento, o menino achou estar delirando, visto que não havia ninguém ali além dele, mas, ao ouvir aquelas vozes novamente horas depois, percebeu que tratavam-se de rezas direcionadas ao santo.

Essa é, inclusive, uma das condições apresentadas por Todorov em seu livro “Introdução à Literatura Fantástica”, quanto ao conceito de fantástico. O leitor pode ter um momento de questionamento quanto aos eventos fantásticos e essa vacilação pode se estender aos personagens, como no exemplo de Samuel que duvida de sua sanidade ao viver algo fora do plano da realidade, conforme o trecho a seguir.

Já perto do fim da tarde adormeceu novamente, e só despertou às cinco horas em ponto, com as mesmas vozes de mulheres atormentando o que restava do seu juízo. Não tinha relógio, não sabia que eram cinco horas. De novo: não havia ninguém do lado de fora. Samuel colou o ouvido no concreto e conseguiu ouvir uma das vozes de forma mais nítida. Era uma reza, muito clara, um pedido para Santo Antônio (Acioli, 2014, p. 35).

Todorov afirma que essa condição se apresenta através da construção da narrativa e na forma como o autor apresenta a ambiguidade por meio de seu texto. No caso do romance de Acioli, Samuel está sozinho quando começa vivenciar o fantástico, algo que somente ele presencia, então pode haver uma ambiguidade em torno desse evento — se é real dentro da narrativa, se está apenas na imaginação do personagem, se ele está de fato delirando, ou, ainda, se ele pode ter algum tipo de distúrbio. É esta experiência de vacilação promovida pelo contato com o fantástico que define o Realismo Fantástico

O autor explica (1980, p. 16) que este estranho elemento introduzido na realidade “pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico.”

Como mais um exemplo, podemos citar o primeiro encontro de Samuel com sua avó, Niceia, que ele acredita ter feito chover. Na cena, Samuel a procura em busca de acolhimento e abrigo, no entanto, não é recebido com afeição. A mulher não demonstra compaixão pela condição vulnerável do menino, que havia andado por dias até a cidade de Candeia, sem água ou comida. O que faz é instruí-lo a entrar na mata, pois lá encontraria onde dormir e se esconder da chuva, que logo chegou.

Apesar da frieza da mulher, diferente do momento citado acima, Samuel não sente estranheza ao constatar, mais à frente na narrativa, que havia sido a avó a convocar a chuva. Pode-se dizer que, para ele, este fato sobrenatural explica-se por si só, visto o comportamento distante e misterioso da avó. Esta impressão sobre ela é, também, corroborada por outros personagens posteriormente.

Ela chamou a chuva, pediu que viesse. Antes, pouco antes, o céu estava limpo, sem dar sinal nenhum de que as nuvens estavam para chorar. Todas as nuvens do céu choraram ao mesmo tempo (Acioli, 2014, p. 25).

Francisco, um garoto na mesma faixa etária de Samuel e que se tornou seu melhor amigo, apresenta na narrativa as duas possíveis reações apresentadas por Todorov. Ao conhecer Samuel e descobrir sobre seu “dom”, sua primeira atitude é chamá-lo de vigarista. Mas, com o passar do tempo, ao perceber que Samuel sabia de detalhes sobre a cidade e sua população que ninguém mais tinha acesso, passou a crer no amigo.

Francisco, que conhecia a todos da cidade, descobriu de quem era cada voz. Por mais desconfiado que estivesse a princípio, entendeu que não seria possível o forasteiro conhecer tanto assim a vida daquelas pessoas, nomes, detalhes da rotina. Elas abriam o coração para o santo. O fato é que Samuel tinha o poder inexplicável de ouvir os segredos que só santo Antônio poderia conhecer (Acioli, 2014, p. 42).

Outro exemplo interessante sobre como as interações com o insólito podem ter diferentes interpretações está presente no capítulo “Consulta”.

Samuel encontra-se com o único médico da cidade para tratar uma mordida de cachorro em sua perna, e lhe conta que ouve as rezas das mulheres dentro da cabeça do Santo. O doutor Adriano, então, ante a vacilação entre o real e o fantástico, opta por uma explicação pautada na realidade.

— Eu moro na cabeça e escuto os pensamentos do santo, doutor.
 — Ele tá tentando ajudar a cidade — Francisco interveio.
 — Você escuta vozes desde quando?
 — Desde que cheguei aqui.
 — Tem doente mental na sua família?
 — O senhor tá achando que eu tô doido? Eu sou normal, doutor! (Acioli, 2014, p. 55).

No entanto, depois de conhecer Madeinusa, que era apaixonada pelo doutor e uma das devotas mais dedicadas de Santo Antônio, encontro este que foi arquitetado por Samuel e Francisco, Adriano passa a acreditar que Samuel tinha, de fato, um dom sobrenatural. Tanto que, como agradecimento, ajuda financeiramente na reforma da igreja da cidade, que levava o nome de Santo Antônio.

Todorov (1981, p. 29) afirma, também, que a aceitação do sobrenatural é uma característica marcante do Realismo Fantástico, algo que ele considera o mais próximo do “Realismo Fantástico puro”.

Em “A Cabeça do Santo” não existem explicações para tais acontecimentos, tampouco questionamentos por parte dos personagens, exemplificando a última das três condições necessárias para construção de uma obra do gênero fantástico, isto é, a recepção por parte do leitor como sendo algo intrínseco à narrativa e não questionável, levando-o a aceitar tais eventos e não associá-los a algo alegórico ou poético. Assim, essa última condição pode também se apresentar na narrativa de forma que envolva a bagagem de cada leitor quanto ao que é alegoria e estilo narrativo.

O “Realismo Fantástico puro” apresenta-se no capítulo “Comércio”, onde a cabeça da estátua de Santo Antônio começa a tremer, e todos constataam, sem qualquer tipo de surpresa ou estranhamento, ser uma crise de enxaqueca do Santo devido a quantidade de orações que vinha recebendo desde que a fama de Samuel como “mensageiro dos recados do Céu” havia se espalhado. Sem demora, começam a tratá-lo.

Uma das mulheres era curandeira, fazia o lambedor mais eficaz dos Inhamuns [...] A curandeira subiu no queixo do santo e jogou a beberagem pela bocarra gigantesca.

— Não tem um pano grande para tapar os olhos dele? Enxaqueca nesse sol quente só vai piorar — gritou lá de cima, agora montada no nariz e fazendo uma massagem com banha de porco entre os olhos esbugalhados.

Cobriram a vista do santo com o arranjo de quatro lençóis e cobertores também vindos das casas abandonadas. Deram mais uma dose de chá e aos poucos a vibração foi diminuindo, a cabeça parou de sacudir, lentamente (Acioli, 2014, p. 71).

Outro acontecimento relevante que reafirma a existência de uma linha tênue entre a realidade e o sobrenatural, é a cena do capítulo “Contas”, onde Samuel

descobre que sua avó, com quem havia interagido diversas vezes desde que havia chegado na cidade, era, na verdade, um fantasma.

No mais perto que conseguiu chegar, viu o corpo mumificado de uma mulher idosa, com o vestido que Niceia usava todas as vezes que encontrou com ele. Era uma morte de muitos anos. Os raros cabelos brancos espalhavam-se sobre o crânio, coberto com pele seca como carne de charque. As mãos, entrelaçadas, seguravam um rosário da Mãe de Deus que hipnotizou Samuel: no meio das contas azuis, viu a conta verde do rosário de Mariinha (Acioli, 2014, p. 155).

Pela perspectiva de Todorov, a mais complexa condição apresentada no texto fantástico se dá na construção da apreciação do personagem e suas reações diante das ações apresentadas na narrativa. Isso é possível através dos elementos sintáticos e semânticos, levando essa representação para a obra em questão.

O personagem principal, ao vivenciar acontecimentos absurdos, não busca respostas, não faz questionamentos, não passa por mais que um breve momento de dúvida. Samuel age de acordo com o que lhe é apresentado. A partir do fantástico, suas ações e a de outros personagens são desenvolvidas sempre em prol do desenvolvimento narrativo. Questionamentos e respostas sobre os eventos absurdos não são o ponto de importância na história, e sim, quais fatos se desenvolveram a partir desses eventos.

No capítulo que finaliza a história de Samuel, intitulado “Coragem”, chega ao fim também o mistério que permeia toda a narrativa e trajetória do personagem na cidade de Candeia, que começa no momento em que o garoto começa a ouvir as vozes das mulheres rezando dentro da cabeça do Santo.

Dentre tantas vozes, Samuel ouve uma moça cantar em uma língua que não entende totalmente. A voz e a melodia trazem a ele certa calma, e anseia encontrar a quem ela pertence.

Eram quatro músicas diferentes, ela variava. Às vezes cantava a mesma canção de manhã e de tarde. Às vezes mudava. Samuel seria capaz de cantarolar cada uma, mas não entendia direito o que queriam dizer. Ele captava algumas palavras: “saudade”, “coração”, “despedida”, “mar”, “voltar”, “longe”. As outras palavras pareciam pertencer a uma língua estranha.

[...]

Ao som da Voz ele conseguia ser feliz. E por mais que já tivesse tentado, nunca descobrira de onde vinha. A mulher não rezava, portanto não seria nenhuma das que tinham ido às suas consultas. Se fosse, ele reconheceria

a voz, sem dúvida. Era uma voz grave, rouca, de palavras bem pronunciadas (Acioli, 2014, p. 97).

Depois de fugir, conforme a aparição de sua avó havia instruído, Samuel vai para outra cidade, Canindé, onde precisava, também, acender uma vela aos pés de São Francisco a pedido de sua falecida mãe, e lá descobre que a voz pertencia a uma moça chamada Rosário. A menina tinha uma história de vida tão difícil e triste quanto a dele e, similarmente, uma forte ligação com o sobrenatural, visto que sonhava com o futuro e profetizava seu encontro com Samuel.

Samuel sentou-se ao lado dela e esperou que terminasse de cantar para dizer a primeira palavra:

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por sua música. Eu ouvia todos os dias.

— Eu só soube disso depois. Mas eu sonhava com você.

— Comigo?

— Sonhava, sim. Desde pequena eu sonho coisas que vão acontecer. A morte da minha mãe, do meu pai, o homem vestido de São Francisco vindo me salvar. Tudo eu vi primeiro no sonho.

— Tem certeza que era eu?

— Tenho.

— E como era o sonho?

— Estranho. E curto. Você, de joelhos, acendendo três velas. E uma voz, que eu demorei a entender. (Acioli, 2014, p. 166).

Através destes exemplos, é possível identificar na obra de Socorro Acioli diversas marcas, em seus personagens e em seu universo como um todo, que a caracteriza como parte do Realismo Fantástico. A autora destaca, através destes elementos, aspectos da cultura popular brasileira e a força que a crença e a imaginação desempenham no enfrentamento das dificuldades da vida.

3.4 “A Cabeça do Santo” e a representação de um Brasil Profundo

O termo “Brasil Profundo” tem sido usado para designar, nas áreas da análise política, da sociologia e da literatura, por exemplo, estruturas culturais, sociais e simbólicas que se mantêm à margem da visão do “moderno”, “urbano” e ligado aos centros de poder das grandes metrópoles do país, mas que permanecem vivas no cotidiano de suas comunidades.

Acioli, em sua obra, retrata uma parte da vivência destes povos ao juntar seu modo de vida (tradições, a força da religiosidade popular, do misticismo e das relações sociais) ao sentimento de abandono, esquecimento, deslocamento e invisibilidade que marcam estes espaços. Desta forma, Acioli não apresenta apenas a valorização da riqueza simbólica que existe fora dos centros urbanos, mas oferece uma crítica à exclusão histórica das periferias culturais do Brasil, evidenciando a complexidade do que chamamos de “Brasil Profundo”.

Neste tópico, assim como foi feito anteriormente neste capítulo, mostraremos, através de trechos do livro, exemplos de como isso é explorado pela autora.

No primeiro capítulo, “Caminho”, tem-se a primeira descrição sobre as condições do lugar em que Samuel, o protagonista, está há dias caminhando. Naquela estrada, o sol é impiedoso, de forma que machuca seus pés que, descalços, estavam em contato direto com o chão seco e quente. Sua jornada é de Juazeiro do Norte para a pequena cidade chamada Cadeia, no Ceará.

Nos primeiros dias o sangue e a água que minavam das bolhas arrebatadas nos seus pés chiavam em contato com o asfalto em brasa, inclemente. De tão secos, fizeram silêncio (Acioli, 2014, p. 11).

O trecho a seguir, presente no mesmo capítulo, mostra como qualquer objeto pode ser útil para quem necessita de dinheiro ou, no caso de Samuel, de um prato de comida. A fome e a miséria são, muito frequentemente, associadas ao sertão, exatamente pela falta de avanço financeiro e social, forçando as pessoas a encontrarem por si mesmas soluções para diminuir as dificuldades da vida.

Sapatos, as pernas da calça, mangas da camisa, o pouco dinheiro: tudo ficou pelo caminho. (Existe quem compre mangas de camisa, isso é espantoso.) Seu torso mal protegido tinha duas cores. Os braços queimados de sol não serviam para nada além de sustentar as mãos [...] A mala que levava quando deixou a casa ficou pelo caminho logo no quinto dia. Ou isso, ou a fome. Trocou por um prato de carne cozida e baião de dois (Acioli, 2014, p. 12).

A impressão de abandono daquele lugar continua no capítulo intitulado “Café”, onde há uma descrição da cidadezinha Candeia, evidenciando sua aparência pouco convidativa ou aconchegante. Era um lugar pequeno, com pouquíssimas pessoas à

vista, e a comparação com Juazeiro do Norte, uma cidade mais bem desenvolvida, evidencia isso.

Candeia era quase nada. Não mais que vinte casas mortas, uma igreja velha, um resto de praça. Algumas construções nem sequer tinham telhado, outras, invadidas pelo mato, incompletas, sem paredes. Nem o ar tinha esperança de ser vento. Era custoso acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes [...] Mais desolado e triste que Juazeiro do Norte aquele povoado, muito mais. Em Juazeiro tinha gente, a cidade era viva (Acioli, 2014, p. 17).

Outro trecho revela o desamparo na cidade.

Dois ou três meninos barrigudos, quase nus corriam pelas ruas daquele sábado à tarde. A poeira, os gatos magros, tudo sofrendo da falta de vida (Acioli, 2014, p. 19)

Conforme Hoefle em seu estudo “Igreja, Catolicismo Popular e Religião Alternativa no Sertão Nordestino”, o sertão foi, por muito tempo, excluído do plano de desenvolvimento do país, apesar de ser uma das primeiras áreas em que a colonização se estabeleceu (1995, p. 26).

Esta afirmação pode ser verificada também, em outros trechos de “A Cabeça do Santo”, como o exemplo a seguir, no capítulo “Cobiça”, onde Acioli descreve, de forma explícita, como Candeia era mal gerenciada pelos seus governantes.

Não havia ordem alguma nessa invasão. A cidade tinha prefeito e delegado. Eram pai e filho, inclusive, mas só apareciam de vez em quando para fazer o pagamento do zelador da prefeitura, do servente da delegacia e da auxiliar do posto médico. O Dr. Adriano era pago pelo governo do estado. Davam uma olhada na cidade, com a cara de desdém mais insípida que podiam, e partiam sem deixar rastro (Acioli, 2014, p. 76).

É interessante observar, no entanto, que este cenário muda no momento em que Candeia, após a explosão da fama de Samuel como “mensageiro de Santo Antônio”, passa a ser uma rota de peregrinação para a cabeça do Santo, levando, consequentemente, à gradual modernização e aumento da população da cidade.

No capítulo “Cachaça”, o prefeito, que até então não demonstrava interesse em estar presente para o seu povo, decidiu que, a partir daquele momento, investiria na cidade.

[...]

— Pois hoje eu venho, povo de Candeia, anunciar que assinei um contrato com a empresa M. J. Engenharia, responsável pela construção de belíssimas estátuas sagradas pelo Brasil, para construir no morro uma estátua de santo Antônio com vinte metros de altura.

[...]

— Eu consegui, junto ao governo federal, uma autorização de linha de crédito para todos os microempresários que quiserem começar um pequeno negócio. Vocês vejam Canindé, o tanto de gente para dormir, comer, tomar banho... Montem suas pousadas, restaurantes, lojinhas. Vamos fazer Candeia prosperar! (Acioli, 2014, p. 108).

Toda essa movimentação na cidade, como destacado acima, dá-se através da fé dos devotos de Santo Antônio. Segundo Hoefle (1995, p. 36), a negligência das autoridades e as dificuldades vividas pelos sertanejos é um terreno fértil para o crescimento da religiosidade no sertão, tornando-se uma das características mais fortes dessas comunidades. O autor afirma, ainda, que apesar da religião católica ter sido a primeira a ser disseminada no Brasil durante a Conquista, nas últimas três décadas a vertente protestante do cristianismo tornou-se popular nas cidades do sertão (1995, p. 26).

Na obra de Acioli, é possível identificar esta diferença de crenças através da figura do Padre Zacarias, ministro religioso da igreja católica, e Helenice, uma comerciante protestante.

No capítulo intitulado “Casamento”, Madeinusa e Dr. Adriano, que por intermédio de Samuel são agraciados com o primeiro milagre de Santo Antônio em Candeia, contam a todos sobre sua história e o casamento, que aconteceria em breve. O Padre, grato pela providência sagrada, agradece aos céus, mas Helenice, que não acreditava na adoração de imagens de santos, repreende.

O padre olhou para o céu, convicto:

— É milagre de santo Antônio! Ele demora, mas não falha.

[...]

Mesmo com a evidência do suposto milagre, o povo de Candeia ainda achava que santo Antônio só trazia desgraça, e ninguém queria se envolver com aquela reviravolta. Os que sobraram não eram mais católicos e aprenderam que adorar imagens não é de Deus.

— Isso é obra do Inimigo! — gritava Helenice, que não chamava o sr. Diabo pelo nome (Acioli, 2014, p. 60).

Em mais um exemplo sobre a importância da religião para o povo sertanejo, no capítulo “Carvão” Madeinusa, muito antes de conhecer o futuro esposo, faz uma

reza para Santo Antônio, conforme a tradição popular apontada por Veiga (2021, p. 181) em seu livro “Santo Antônio”.

Com a intenção de receber um milagre de seu santo para fazer Dr. Adriano corresponder aos seus sentimentos românticos e casar-se com ela, Madeinusa coloca a imagem de Santo Antônio debaixo da cama, como forma de chantagem.

— Meu santinho, me escute: eu lhe tiro de baixo da cama se o Dr. Adriano casar comigo, juro que tiro na hora e faço um altar bem bonito na minha casa (Acioli, 2014, p. 39).

Em outro trecho desta mesma reza, Madeinusa diz “Já roubei a meia dele, meu santo, já fiz simpatia, e nada” (*id.*), reproduzindo outro aspecto muito presente na religiosidade sertaneja: o sincretismo.

Segundo Hoefle (1995, p. 40), no sertão existe essa síntese de rituais e crenças derivadas de variadas fontes, como “cultos afro-brasileiros do litoral, idéias originárias dos ameríndios, catolicismo popular, noções tradicionais de medicina popular, bruxaria e até mesmo alguns traços dos movimentos milenaristas do passado”.

No trecho a seguir, retirado do capítulo “Cachaça”, vemos mais um exemplo.

No muro do cemitério, branco e limpo, praticavam-se as simpatias para arrumar marido e descobrir a cara do candidato. As moças jogavam ovos com fúria contra a parede e corriam para observar o possível desenho que a gema formava ao escorrer. Via-se de tudo, porque esperança e desejo obram o impossível. A fama daquele muro corria pelas cidades vizinhas e atraía o desespero das mocinhas, loucas para casar (Acioli, 2014, p. 107).

Essa mistura aparece, também, no capítulo “Conversa”, que apresenta um aspecto muito interessante das crendices sertanejas. Nele, Francisco, que se torna um grande amigo de Samuel, o ajuda a se instalar na cabeça do Santo utilizando pertences de uma casa abandonada, onde morava uma senhora que foi encontrada uma semana depois de sua morte.

Tudo estava lá porque ninguém entrava na casa, diziam que lá estava o hálito da primeira morta pela desgraça da cabeça do santo e dali só poderia sair maldição. Falavam que ela ainda andava pela cozinha, assistia televisão às seis horas e tirava o terço na janela em dia de missa. E se alguém entrasse lá, diziam que ela soprava um prenúncio de morte. Diziam

muito sobre o fantasma de Sara, no tempo que ainda tinha gente suficiente para espalhar boato em Candeia (Acioli, 2014, p. 50)

Este trecho relaciona-se a fala de Hoefle (1995, p. 31) sobre o distanciamento que os sertanejos procuram manter de ambientes onde a morte é presente, como cemitérios, e o medo de um “contágio espiritual”, no caso, uma energia que passa do falecido para o vivo. Essa postura da população em relação àquela casa e àquele boato, no entanto, não afetam Francisco, que era filho do coveiro da cidade.

Essa síntese de crenças, muito frequentemente, inclui, também, o Realismo Fantástico. Como visto nos tópicos anteriores, ele está muito presente dentro das comunidades interioranas no Brasil, onde o estranho, muitas vezes, faz parte do normal, especialmente quando está atrelado à religião.

O momento mais marcante da obra, nesse sentido, é quando Samuel passa a ouvir, pelo menos duas vezes por dia, as orações das mulheres a Santo Antônio pedindo por um milagre amoroso.

Diziam que santo Antônio aparecia de corpo inteiro para Samuel e soprava os recados, que o espírito do santo entrava no seu corpo, agia através dele. Cada vez mais, a história espalhava-se entre as mulheres num raio de ação inimaginável, em plena romaria de São Francisco em Canindé. A cidade vizinha estava cheia de gente, e o que deveria ser um período de fé e oração se transformou num carnaval de mulheres desembestadas, vendo surgir, ali tão perto, uma mensagem de esperança do Santo Casamenteiro (Acioli, 2014, p. 68).

No trecho acima, é revelada a postura daqueles que acreditavam nas palavras de Samuel. Para eles, a ideia de que um santo pudesse entrar no corpo de um humano, ou soprar recados aos seus ouvidos a fim de levar aos seus devotos uma mensagem, era completamente possível, um traço importante para a definição do Realismo Fantástico.

No capítulo “Caxias do Sul”, vemos outro exemplo disso na história do segundo casamento realizado através de Samuel, do casal Madalena e Egídio.

Madalena, que era uma das mulheres que rezavam para Santo Antônio, teve um relacionamento amoroso com um colega de trabalho, no entanto, foi obrigada a interrompê-lo quando ele resolveu voltar para sua cidade natal. Mesmo tentando contatá-lo, Madalena foi ignorada e tinha certeza de que nunca mais o encontraria. Até que Egídio teve uma intuição.

— Teve um dia em que eu estava trabalhando e pensei na Madalena. Era uma voz me dizendo pra largar minha vida em Caxias do Sul e vir ficar com ela. Vendi tudo o que eu tinha: um fusca verde, duas caixas de som e um aparelho de karaokê. Eu só pensava em ficar perto dela.

[...]

Nessa entrevista a moça revelou que a data em que Egídio dizia ter vivido aquela paixão repentina e avassaladora coincidia com a data da consulta com Samuel, o milagreiro (Acioli, 2014, p. 82).

Estes personagens citados, através de suas experiências narradas no livro, podem ser categorizados como “sertanejos religiosos”, conforme apontam Sousa e Santos (2023, p. 114) sobre a representação identitária no Brasil Profundo. Além desta categoria, eles destacam o “sertanejo resiliente” e o “sertanejo esperançoso”. Todos eles podem ser encontrados, também, em “A Cabeça do Santo”.

Como exemplo do “sertanejo resiliente”, pode-se citar o próprio Samuel e sua jornada para Candeia, motivado pela promessa que fez à mãe, que já estava em seu leito de morte. Durante 16 dias, mesmo com fome e sede, e em um estado debilitado de saúde, ele não desistiu de seu objetivo.

Sua mãe, Mariinha, também representa este perfil. No capítulo “Cachorro”, parte de sua história é contada. Foi mãe solteira, e mesmo com pouca saúde, trabalhava para sustentar sozinha o filho, tendo sido abandonada pelo marido sem qualquer explicação.

Moravam numa casa de nada na ladeira do Horto, no caminho que leva até a estátua de padre Cícero. Mas ela não era de lá. Foi pro Juazeiro quando se viu sozinha, com um filho nos braços. Já que o menino ia mesmo se criar sem pai, pois que ao menos fosse afilhado do Padim, abençoado por ele dia e noite. Mariinha do Horto caiu nas graças de Glória, a abençoada, que cuidou dela como de uma filha. Aprendeu logo a trançar palha e vender chapéu pros romeiros. E assim viveu e criou o filho por quinze anos, com pouca saúde (Acioli, 2014, p. 27)

Este comportamento pode ser verificado na fala de Hoefle (1995, p. 28) sobre o papel das mulheres no sertão, pois são elas que carregam a estabilidade familiar, especialmente no âmbito espiritual.

O povo de Candeia também se enquadra neste perfil. Apesar da seca, da escassez, da economia fragilizada, a comunidade persiste. Há casas abandonadas, mas ao mesmo tempo, ainda existem habitantes, estes que mantêm viva sua cultura e o pertencimento.

Sobre o perfil do “sertanejo esperançoso”, podemos citar as mulheres e sua fé inabalável nos milagres de Santo Antônio. Este fato simbólico mostra como, mesmo diante de uma cidade arruinada e estagnada, as pessoas continuam a rezar e esperar, de seus santos e padroeiros, uma condição melhor de vida, a realização de seus sonhos e desejos, de milagres atendidos.

A esperança de toda essa comunidade pode ser identificada no trecho do capítulo “Caxias do Sul”, que narra o renascimento de Candeia.

Os donos dos estabelecimentos comerciais recém-criados estavam dedicados aos negócios, enchendo os bolsos de dinheiro, fazendo melhorias. A cidade, agora, tinha casas coloridas, iluminação pelas ruas, uma igrejinha pintada de azul, uma praça em recuperação. Pousadas, barbearias, restaurantes, lanchonetes e até um bordel foram inaugurados em Candeia, ocupando as antigas casas abandonadas (Acioli, 2014, p. 84)

O que se pode observar, portanto, é que para os sertanejos, a preferência é melhorar as condições em que se vive, para si e para os outros. Como declaram Sousa e Santos (2023, p. 117) “se o sertanejo fica, ele luta contra as adversidades naturais, pela sua sobrevivência, permanece e resiste, fazendo jus à máxima euclidiana: ‘O sertanejo é, antes de tudo, um forte.’”

Podemos afirmar, por fim, através destes estudiosos e da representação sensível e simbólica criada por Socorro Acioli em sua obra, é que o Brasil Profundo, o sertão brasileiro, carrega uma cultura rica, sustentada pelas relações familiares, por suas tradições, por sua resistência e noção firme de comunidade e, principalmente, pela sua fé em todas as esferas: desde a liturgia tradicional até as crenças populares, essas que, frequentemente, acolhem o sobrenatural em seu cotidiano, como a autora retratou através do Realismo Fantástico.

Desta forma, a “A Cabeça do Santo” destaca, por meio de sua representação do povo sertanejo, além das fragilidades e desigualdades históricas desse povo, uma identidade que se mantém forte e viva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão tinha como objetivo geral contribuir com estudos sobre literatura nacional contemporânea, o qual foi alcançado, pois embora reconheçamos os limites do nosso estudo, sabemos que explora um livro de grande destaque na cena literária atual. A obra foi analisada por meio de características como: gênero, personagens e contexto sociocultural, sendo possível, assim, elucidar aspectos narrativos escolhidos pela autora para a representação de um recorte do povo brasileiro.

Em sua narrativa, Socorro Acioli evidenciou um fenômeno cultural de grande importância, a religião, relacionando-o ao gênero do Realismo Fantástico para retratar expressões culturais como: costumes, manifestações religiosas, a importância da fé e uma crítica social sobre regiões longínquas de nosso país, e os problemas enfrentados pelas pessoas que nelas habitam.

É também relevante mencionar que, ao eleger uma obra contemporânea para analisarmos, buscamos valorizar a literatura que está sendo produzida em nosso tempo. Durante a produção deste trabalho, notamos que não há uma vasta produção de estudos acadêmicos direcionados à obras produzidas no século XXI, portanto, o presente trabalho se mostra relevante para contribuição de estudos no campo da literatura.

Com relação aos objetivos específicos, as propostas eram:

1) Apresentar o conceito de Realismo Fantástico, seu surgimento, sua relevância na literatura latino-americana e sua chegada ao Brasil.

Foi exemplificado, por meio de uma linha do tempo, o conceito de Realismo Fantástico, suas características, e seu desenvolvimento através dos anos e das regiões nas quais eram produzidas. Foram utilizados, também, exemplos de obras que se inserem neste gênero para ilustrar, através da perspectiva de Todorov acerca das definições do fantástico, suas características formadoras. Foi apresentado, ainda, através de trechos de obras de autores proeminentes de cada região e análises promovidas por estudiosos da área, um panorama geral sobre a chegada do fantástico na América Latina, no Brasil, e as transformações sofridas no gênero após a imersão nas variadas culturas e povos que formam a América do Sul.

Deste modo, é possível considerar que este objetivo foi cumprido.

2) Analisar o papel do místico e do sagrado na identidade cultural do povo brasileiro.

Este objetivo foi cumprido de modo que, através de estudos e pesquisas utilizados para o desenvolvimento deste capítulo, concluímos que a religião teve e segue tendo grande relevância como aspecto de formação da identidade cultural do povo brasileiro desde a sua fundação. Também foi possível constatar, através de manifestações, ritos, divindades e celebrações, a importância da religião nos momentos marcantes da vida dos religiosos, e não somente, mas também no dia a dia do brasileiro comum, e como a fé pode permear comportamentos e relações na sociedade de modo geral.

3) Relacionar os aspectos fantásticos às realidades socioculturais brasileiras retratadas no livro “A Cabeça do Santo”.

A partir da análise da obra “A Cabeça do Santo”, foi possível averiguar como a autora utilizou elementos do gênero fantástico junto a fatores religiosos para construir uma narrativa que retratasse o Brasil Profundo, caracterizado por lugares distantes dos grandes centros urbanos e que carecem de cuidado por parte das autoridades competentes. Através desse recorte sociocultural e geográfico, é notável que existe uma linha tênue entre o real e o fantástico nessas comunidades. Neste contexto, pode-se considerar, portanto, que o objetivo proposto foi cumprido.

Por fim, referente à pergunta que orientou esta pesquisa: De que forma o Realismo Fantástico é utilizado para representar o Brasil Profundo nas dimensões culturais, sociais e religiosas na obra “A Cabeça do Santo”?

Em sua narrativa, Acioli utiliza o fantástico para construir o personagem Samuel, que escuta as rezas das devotas de Santo Antônio, fazendo-o de intermediário desta comunicação e, ainda, atribuindo a ele o cunho de realizador de milagres. Esse evento mobiliza a pequena cidade, alterando aspectos políticos e econômicos. Através desse acontecimento fantástico, a autora ilustra a importância da fé, apresentando a relevância da religião e dos santos na cultura brasileira, e das mobilizações feitas em homenagem a eles. Assim, fica evidente como, em prol de desejos e ambições pessoais, é comum que pessoas que têm suas vidas permeadas por crenças abram mão do senso crítico, pois acreditam que a fé tem o poder de solucionar toda e qualquer questão que venham a ter.

Em síntese, a realização deste trabalho nos possibilitou ampliar o entendimento acerca da vasta, diversa e complexa cultura brasileira, uma vez que,

por meio da literatura, Socorro Acioli oferece um recorte sensível de uma região e seus costumes. A análise através da obra “A Cabeça do Santo”, além de nos proporcionar um elo significativo enquanto leitoras, também evidenciou como a intersecção entre tradição popular, pertencimento regional e manifestação do sobrenatural pode constituir um ponto de partida relevante para pesquisadores interessados em gêneros literários, representações regionais e realismo fantástico na literatura nacional contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A escritora Socorro Acioli fala sobre a religiosidade nordestina em seu romance 'A Cabeça do Santo'. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=lo5O6xd9SnE>>. Acesso em: 21 set. 2025.

ACIOLI, Socorro. **A Cabeça do Santo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

ALLENDE, Isabel. **A Casa dos Espíritos**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2020.

ALLENDE, Isabel. **Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe**. Disponível em: <<https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-allende-isabel>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ASTURIAS, Miguel. **Homens de milho**. Pinard, São Paulo, 2022.

BELLINI, G. **Miguel Ángel Astúrias: o homem e a obra**. Disponível em:

<<https://www.blogletras.com/2020/11/miguel-angel-asturias-o-homem-e-obra.html>> Acesso em: 29 ago. 2025.

BORGES, Jorge Luís. **O Aleph**. Editora Globo, São Paulo, 1989.

CAZOTTE, Jacques. **The Devil in love**. Dedalus Limited. UK, 1991.

CHIAMPI, Irlemar. **El realismo maravilloso**. Monte Avila, Caracas, 1983.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rocco. Rio de Janeiro, 1986.

Dia de São Francisco de Assis: a história do santo que via irmãos em todas as espécies. BBC News Brasil. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9314l1y7x2o>>. Acesso em: 04. out. 2025.

DUME, Paula. **Escritora Andréa del Fuego diz que vida no campo é conto de fadas possível**. Livraria da Folha, 2010. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/793589-escritora-andrea-del-fuego-diz-que-vida-no-campo-e-conto-de-fadas-possivel.shtml>>. Acesso em: 20 set. 2025.

E.T.A. Hoffmann. Disponível em:

<<https://www.britannica.com/biography/E-T-A-Hoffmann>>. Acesso em: 26 set. 2025.

FARIS, Wendy. **Ordinary Enchantments Magical Realism and the Remystification of Narrative**. Vanderbilt University Press, Nashville, 2004.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Record, Rio de Janeiro, 2014.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe**. Disponível em: <<https://sites.usp.br/portalatinoamericano/gararcia-marquez-gabriel>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

GOULART, Audemaro Taranto. **O Fantástico Murilo Rubião**. Itinerários, São Paulo, Edição n. 19, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2651>>. Acesso em: 20 set. 2025.

HOEFLE, Scott William. **Igreja, catolicismo popular e religião alternativa no sertão nordestino**. Revista de Ciências Sociais, Edição v. 26 n. 1/2, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/43202>>.

HOFFMANN, Ernst. **The Best tales of Hoffmann**. Dover Publications, Inc. New York, 1967.

LIMA, Laura. **Menosprezada pela história, herança banto é um pilar central da formação do Brasil**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/diversidade/menosprezada-pela-historia-heranca-banto-e-um-pilar-central-da-formacao-do-brasil/>>. Acesso em: 19 set. 2025.

MARTINS, Wilson. **Pontos de vista: crítica literária**. Vol. 14. T. A. Queiroz, São Paulo, 2001.

MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéas. **O fantástico brasileiro - O insólito literário do Romantismo ao Fantástico**. Editora Arte & Letra, 2020.

MEDEIROS, Eduardo Luís. **História da igreja no Brasil**. UNIASSELVI, 2016.

MONTELEONE, Joana. **Guerras da banana: contra trabalhadores, a soberania e a biodiversidade dos países**. Brasil de Fato, 26 jul 2019. Atualizado em 01 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/colunista/joana-monteleone/2019/07/26/guerras-da-banana-contra-trabalhadores-a-soberania-e-a-biodiversidade-dos-paises/>>. Acesso em: 31 ago. 2025.

Os santos do povo: padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e Padre Cícero. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/526989-os-santos-do-povo-padre-ibiapina-antonio-conselheiro-e-padre-cicero>>. Acesso em: 4 out. 2025.

PEREIRA, Gylmara. **A culpa e suas relações com a religiosidade e com o sentido da vida**. 2012. Dissertação (Mestre em Ciências das Religiões). Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4219>>. Acesso em: 29 set.. 2025.

Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe. Disponível em: <<https://sites.usp.br/portallatinoamericano/espanol-borges-jorge-luis>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

Religiões: Resultados preliminares da amostra. Agência IBGE Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3f1708b5d315aca50d5a7d8764469c45.pdf>. Acesso em: 07 set. 2025.

SANTOS, Evandro dos (Org.). **História dos sertões: Brasil profundo**. Aracaju, SE: Criação editora; Caicó, RN: Programa de Pós-graduação em História do CERES (PPGHC-UFRN), 2023.

Socorro Acioli é a convidada do Trilha de Letras. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=60x3nkxbLH4>>. Acesso em: 21 set. 2025.

SOUZA, Warley. **Irmãos Grimm: biografia, contos famosos, legado**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/irmaos-grimm.html>>. Acesso em: 04 set. 2025.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura Fantástica**. Premia, México, 1980.

VEIGA, Edison. **Santo Antônio**. Editora Planeta do Brasil, São Paulo, 2021.

VIEIRA, Dilermando. **História do catolicismo no Brasil (1500-1889): volume I**. Editora Santuário, São Paulo, 2016.

WALPOLE, Horace. **The Castle of Otranto**. Open Road Integrated Media, Inc. New York, 2014.

XAVIER, Érico. **Catolicismo: Missão e Influência no Brasil e no Continente Latino-Americano**. Monumenta, 2022.

ZAMORA, Lois Parkinson; FARIS, Wendy B. **Magical Realism: Theory, History, Community**. Nova Iorque, Duke University Press, 1995.